

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Evelyn Da Silva Coelho

O BRINCAR NA CRECHE:
Narrativas pedagógicas no *Instagram*

Porto Alegre
2. Semestre
2023

Evelyn Da Silva Coelho

O BRINCAR NA CRECHE:

Narrativas pedagógicas no *Instagram*

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia - Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Simone Santos de Albuquerque

Porto Alegre
2. Semestre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Coelho, Evelyn da Silva
O BRINCAR NA CRECHE: Narrativas pedagógicas no
Instagram / Evelyn da Silva Coelho. -- 2024.
70 f.
Orientador: Simone Santos de Albuquerque.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Educação, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre,
BR-RS, 2024.

1. Bebês. 2. Brincar. 3. Brincadeiras. 4. Creche.
5. Fotografias. I. Albuquerque, Simone Santos de,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Banca Examinadora:

Profª Drª Simone Santos de Albuquerque
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profª Juliana Goelzer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profª Laura Luvison Méliga
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre

Dedico este trabalho à minha família, obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e aos meus Orixás, que sempre se fazem presentes na minha vida e me dão força para vencer todas as batalhas da jornada.

Agradeço à minha mãe, Tania Coelho, por todo apoio que me deu ao longo da vida, especialmente no momento da escrita deste TCC, ela me acolheu nos diversos momentos em que pensei em desistir e confiou no meu potencial.

Ao meu pai, Claudio Coelho, que sempre acreditou no meu potencial e procurou tornar a faculdade mais leve ao longo desses últimos anos.

À minha avó, Eva, que sempre me acolheu e acreditou no meu potencial.

À Dona Lilian e ao Seu Moacir, que desde o início dessa trajetória que agora está quase no fim, me acompanharam e se disponibilizaram em me ajudar ao longo dos dilemas encontrados no decorrer do curso.

Ao meu amigo Henrique, que se faz presente na escuta, seja nas horas boas e nem tão boas, prestando apoio e carinho com muita boa vontade.

Às amigadas que fiz na FACED nestes últimos anos, Amanda, Gabriela, Samantha, Nila, entre outras pessoas muito especiais que fizeram parte dessa caminhada.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora Simone Albuquerque, que acolheu minhas dificuldades na elaboração do presente trabalho. Foi uma enorme parceira, que apoiou e acreditou nesta pesquisa, uma mãe acadêmica que tentou facilitar ao máximo a escrita deste estudo.

RESUMO

O presente trabalho, de cunho qualitativo, descritivo e exploratório, propõe uma análise de fotografias como narrativas pedagógicas compartilhadas na rede social *Instagram* relacionadas ao brincar em creches. Foram selecionados dois perfis de escolas de educação infantil localizadas no Rio Grande do Sul, que regularmente publicam imagens das crianças em diferentes contextos do ato de brincar. A pesquisa é guiada pela pergunta: “O que é oferecido para bebês e crianças bem pequenas em relação ao brincar nos contextos educativos?”. Portanto, o objetivo geral é identificar o que é oferecido aos bebês e crianças bem pequenas em relação ao brincar nos contextos educativos. Como objetivo específico, a pesquisa visa verificar quais materiais aparecem com maior recorrência nos espaços educativos de bebês e crianças bem pequenas. O embasamento teórico se apoia nas obras de Elinor Goldschmied e Sonia Jackson (2006), Majem e Òdena (2010) e Judit Falk (2004). Na revisão bibliográfica, percebe-se uma ampliação de pesquisas com bebês, mas ainda com necessidade de mais estudos no campo. Os resultados revelam que ambas as escolas oferecem diversas possibilidades de brincar para as crianças, tanto nos espaços externos da instituição quanto nos espaços internos, reconhecendo a potência, especialmente dos bebês, com diferentes possibilidades de experiências nestes espaços.

Palavras-chave: Bebês; Brincar; Brincadeiras; Creche; Fotografias.

LISTA DE FIGURAS

Conjunto de imagens 1 - Organização do ambiente e da proposta.....	44
Conjunto de imagens 2 - Exploração de diferentes materiais no espaço externo.....	45
Figura 1- Brincando de comidinha.....	46
Figura 2 - Exploração na natureza.....	48
Figura 3 - Brincando com brinquedos permanentes nos espaço externos... 49	
Conjunto de imagens 3 - Explorando artes nos espaços externos.....	50
Figura 4 - Brincando com a chuva.....	51
Fonte: @escolacotidiana.....	52
Conjunto de imagens 4 - Cesto dos Tesouros.....	54
Conjunto de imagens 5 - Cesto dos tesouros parte II.....	54
Figura 6 - Cestos dos tesouros parte III.....	56
Figura 7 - Detalhes e o Cesto dos tesouros.....	57
Conjunto de imagens 6 - Exploração com tintas no espaço interno.....	58
Conjunto de imagens 7 - Bebês e os objetos no espaço.....	58
Conjunto de imagens 8 - Brincando de faz de conta.....	60
Figura 8 - Brincando de faz de conta II.....	61
Figura 9 - Brincando com Argila no espaço interno.....	62
Figura 10 - Bebê com livros.....	63

SUMÁRIO

1 O INÍCIO DE MINHA HISTÓRIA COM A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	10
1.1 PORQUÊ PESQUISAR ESTE ASSUNTO?.....	12
2 MEU PERCURSO METODOLÓGICO NESTE ESTUDO.....	15
3 ESTUDOS IMPORTANTES PARA COMPREENDER O BRINCAR NA CRECHE...	20
3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	20
3.2 O BRINCAR NA CRECHE NO CONTEXTO DAS LEGISLAÇÕES E NORMATIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	28
3.3 O BRINCAR NA CRECHE: DIÁLOGO INICIAL COM OS ESTUDOS DA ÁREA.....	34
3.3.1 Materialidades em contexto de creche.....	36
3.4 OS ESPAÇOS DOS BEBÊS NA CRECHE.....	40
4 NARRATIVAS PEDAGÓGICAS SOBRE O BRINCAR DE BEBÊS NA CRECHE A PARTIR DE POSTAGENS NO INSTAGRAM.....	43
4.1 O BRINCAR NOS ESPAÇOS EXTERNOS.....	43
4.2 O BRINCAR DE BEBÊS EM ESPAÇOS INTERNOS.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
6 REFERÊNCIAS.....	66

1 O INÍCIO DE MINHA HISTÓRIA COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

Tive muitas incertezas na escolha do meu tema de trabalho de conclusão, pois toda a minha formação curricular foi direcionada para os anos iniciais do ensino fundamental na FAGED/UFRGS. Quase no final do curso, houve uma mudança de perspectiva em minha mente; senti o desejo de compreender mais sobre a educação infantil. Por isso, busquei um estágio não obrigatório nesta área.

Lá, pude perceber o quanto as crianças são amorosas e espertas. Elas apreciam a atenção, mas também valorizam a autonomia, e, muitas vezes, não gostam de ser “ajudadas”. No local, tive a oportunidade de trabalhar com duas turmas distintas: um berçário e um maternal II, que ainda inclui algumas crianças da faixa etária creche (3 anos). Como estagiária, responsável por auxiliar nas demandas das turmas, frequentemente registrava com meu *smartphone* momentos diversos das crianças durante suas rotinas. Essas fotos eram utilizadas nos portfólios, como uma estratégia que auxilia na documentação pedagógica e nos registros das propostas realizadas com elas. Segundo Adriana Drummond, em seu estudo “O Portfólio Como Instrumento De Registro e Avaliação Na Educação Infantil” (2012), “Na Educação Infantil, o portfólio ganha um amplo espaço, pois comunica as aprendizagens e os caminhos percorridos pelas crianças em diferentes etapas do desenvolvimento.” (Drummond, 2012, p. 23).

Drummond (2012) ainda destaca que o portfólio vem ganhando cada vez mais espaço no campo da educação infantil e até mesmo do ensino superior.

De acordo com a mesma pesquisadora:

Nesse sentido, o portfólio não se apresenta como produto final, mas como todo o processo de construção e reconstrução da prática pedagógica, tanto para docentes, como para discentes; uma vez que possibilita uma leitura atenta dos caminhos percorridos pelo educando, ajudando o professor a organizar suas ações subsequentes e, ainda, contribuindo para que a própria criança compreenda seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. (Drummond, 2012, p. 22)

O portfólio utilizado pelas escolas apresenta o percurso das crianças por meio de fotografias, parte das propostas desenvolvidas e, dependendo da faixa etária, tem como objetivo registrar o processo de desenvolvimento realizado durante uma determinada etapa, podendo ser bimestral, semestral ou anual. A professora é

responsável por essa documentação, destacando-se como uma produção "pessoal, científica, crítica e significativa" (Monken, 2011 *apud* Drumond, 2012) para as crianças e suas famílias. Posteriormente, as famílias recebem esses registros.

Também no livro "Brinquedos e Brincadeiras de creche: Manual de Orientação Pedagógica", documento técnico, faz-se referência à documentação pedagógica, citando o portfólio como um instrumento utilizado na educação infantil que pode auxiliar tanto educadores quanto os pais e familiares.

O portfólio ou a documentação pedagógica dos brinquedos e brincadeiras, ao circular na casa das crianças, divulga o processo vivido por elas na creche/pré-escola, possibilitando às famílias dar continuidade a esse processo em casa, ampliando a cultura lúdica das crianças. (Brasil, 2012, p. 61)

Diante de todas as circunstâncias que me cercavam, percebi como as fotografias trazem memórias e, com seu apoio, podem aproximar familiares que passam o dia todo longe das crianças. Eles têm a oportunidade de se emocionar com os registros das refeições das crianças, dos primeiros passos e das descobertas durante as brincadeiras com os mais diversos materiais e experiências na escola.

A minha pesquisa, intitulada "O Brincar na Creche: Narrativas Pedagógicas no *Instagram*", surge a partir dessa vivência que obtive nos 10 meses de estágio não-obrigatório, nos quais realizei registros e auxiliei as crianças em suas jornadas de descobertas. A pergunta norteadora da pesquisa foi "O que é oferecido para bebês e crianças bem pequenas¹ em relação ao brincar nos contextos educativos?" e tem como objetivo geral identificar o que é oferecido aos bebês e crianças bem pequenas em relação ao brincar nos contextos educativos. O objetivo específico é verificar quais materiais aparecem com maior recorrência nos espaços educativos de bebês e crianças bem pequenas.

¹ A definição de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas é apresentada pelo documento "Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para as reflexões das orientações curriculares" que subsidiou as DCNEI (2009). Esse documento define que "Tendo em vista que o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA considera as pessoas de até 12 anos de idade incompletos como crianças, este documento, voltado para a educação de crianças de 0 a 6 anos utilizará uma nomenclatura diferenciada para destacar as especificidades requeridas pela faixa etária dos 0 a 3 anos. Assim, estamos compreendendo bebês como crianças de 0 a 18 meses; crianças bem pequenas como crianças entre 19 meses e 3 anos e 11 meses; crianças pequenas como crianças entre 4 anos e 6 anos e 11 meses. Reservamos a denominação de crianças maiores para as crianças entre 7 e 12 anos incompletos. (Brasil, 2009, p.05). Posteriormente, a definição é afirmada na organização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017)

Com base no referencial teórico de Judith Falk em “Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy” (2004), Elinor Goldschmied e Sonia Jackson em “Educação de 0 a 3 anos: O Atendimento em creche” (2006) e Tere Majem e Pepa Òdena em “Descobrir Brincando” (2010), entre outros estudos, irei analisar os contextos de brincar oferecidos às crianças nas postagens registradas na rede social *Instagram* em duas escolas de Educação Infantil. Meu objetivo é analisar os espaços e materiais, compreendendo os convites feitos em relação ao brincar nesta etapa da creche. Na metodologia, baseio-me em Bogdan e Biklen (1994), Yin (2016) e Giulia Fraga (2019), que, em sua tese de doutorado, pesquisou sobre redes sociais, mais especificamente o *Instagram*.

1.1 PORQUÊ PESQUISAR ESTE ASSUNTO?

Meu interesse pelo brincar de bebês e crianças bem pequenas começou quando iniciei meu primeiro estágio não-obrigatório em uma instituição federal de grande porte de Porto Alegre, destinada aos filhos de funcionários que trabalham durante o dia neste local.

Esse estágio marcou meu primeiro contato com crianças no contexto de estudante de pedagogia, quando fui designada para ser estagiária no berçário deste ambiente. A partir dessa experiência, optei por cursar a disciplina de ação pedagógica na creche como eletiva, com o objetivo de estudar e aprofundar meus conhecimentos sobre a faixa etária de 0 a 3 anos.

Ao iniciar nesta disciplina, cheguei com pensamentos muito limitados e restritos sobre a educação infantil, especialmente sobre bebês. Pensava que eram “frágeis”, que se “desmontariam” em meu colo, “ingênuos”, que não sabiam se comunicar e se expressar. Mesmo com crianças acima de 2 anos, eu ainda tinha questionamentos como “*O que se faz na educação infantil? É só brincar?*”.

Naquele momento, percebi a necessidade de ampliar minhas perspectivas desta primeira etapa da educação básica, já que, como pedagoga, terei habilitação na educação infantil, nos anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos.

Na turma do berçário em que estava inserida, quase todos os bebês já tinham completado 1 ano de idade. Pude acompanhá-los explorando os ambientes internos e externos da creche, como a grama, caixa de areia, escorregador, banhos de mangueira, com brinquedos não estruturados e estruturados, principalmente bonecas, brincadeiras com brinquedos de plásticos como panelinhas, cavalinhos, bolas e etc.

Concomitantemente à vivência do estágio e aos estudos teóricos vistos na disciplina que estava realizando, como “Afinal, o que os bebês fazem no berçário” (Fochi, 2015) e “Educação de 0 a 3 anos: O Atendimento em Creche” (Goldschmied e Jackson, 2006), entre outros, pude compreender, durante os três meses que fiquei nesta turma, que os bebês são sujeitos muito potentes e observadores. Também, pude observar suas explorações, que aconteciam em seu próprio tempo, com os materiais designados, e outros que nem estavam sob cogitação para as educadoras, como por exemplo as cortinas da sala referência, panos que eles pegavam para “se esconder”. Ou até mesmo o contato com a areia, que alguns bebês tinham certa resistência, mas aos poucos foram se aproximando e tocando com os pés.

Neste processo de aprendizagem como professora de bebês, destaco a curiosidade de saber até que ponto eles podem chegar em suas investigações e brincadeiras. Já com o objetivo de conhecer outras experiências, comecei a acompanhar as redes sociais de escolas de educação infantil do estado do Rio Grande do Sul, com foco nas escolas públicas municipais e algumas privadas.

Hoje, ao acessarmos o *Instagram*, nos deparamos com os mais variados conteúdos, inclusive pedagógicos, com diversas contas que ensinam “técnicas pedagógicas”, mostrando rotinas das crianças nas escolas, atividades realizadas e como eles estão ocupando certos lugares. Podemos observar uma multiplicidade de narrativas pedagógicas² no *Instagram*.

Narrativas pedagógicas porque estão narrando a partir das fotografias momentos diversos das crianças. Nesta pesquisa, o interesse foi especificamente pelas narrativas existentes sobre o brincar e as brincadeiras dos bebês e crianças pequenas divulgadas no perfil do *Instagram* das escolas. .As narrativas nos contam

²Inspiração na ideia proposta por Prado, Ferreira e Fernandes (2011), de que as "narrativas pedagógicas" são encontradas em diferentes gêneros discursivos, os quais buscam narrar uma experiência, uma reflexão, uma prática pedagógica; aqui, neste trabalho, postagens no *Instagram*.

histórias, e as narrativas com fotografias, em diversas publicações que podemos “arrastar” para o lado e ver uma narrativa que foi publicada. A imagem expressa informações preciosas, muitas vezes sem texto escrito, mas que transmitem informações sobre os modos de organizar e pensar as especificidades sobre as propostas com bebês.

De acordo com Trezzi, Oliveira, Rosito (2019, p. 95), “a fotografia é um importante instrumento narrativo, e pode ser usada tanto para mostrar a realidade tal qual é, livre de interpretações quanto para interpretar a realidade”.

Como essa escola está apresentando suas práticas pedagógicas para pessoas de fora? O que estão compartilhando em suas redes? Como as crianças, sujeitos de direitos, estão sendo retratadas? Afinal, uma foto postada na internet é acessível a muitas pessoas de diferentes lugares, e comentários de diversas origens podem surgir.

Não pretendo responder essas perguntas neste estudo, mas considero importante explicitar as questões, já que são problematizações válidas para qualquer outro perfil de escola que compartilhe propostas desenvolvidas com as crianças nas redes sociais.

A palavra-chave aqui é a influência: a prática pedagógica que realizo pode influenciar a prática pedagógica de uma professora que esteja do outro lado do Brasil. Ela pode ver e achar adequada a minha proposta para sua turma? E de fato, é adequada às normativas e aos referenciais teóricos vigentes? Estas foram algumas perguntas que permearam minha trajetória ao pesquisar os perfis das escolas, observando a possibilidade das redes sociais em suas narrativas sobre as práticas pedagógicas com bebês.

2 MEU PERCURSO METODOLÓGICO NESTE ESTUDO

A escolha metodológica para a construção deste trabalho de conclusão foi a abordagem qualitativa e descritiva, pois, “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (Gerhardt; Tolfo, 2009, p.32).

O pesquisador Robert Yin em “Pesquisa Qualitativa: Do início ao Fim” (2016) já relata que “a pesquisa qualitativa envolve primeiramente estudar o significado das vidas das pessoas nas condições em que realmente vivem.” (Yin, 2016, p. 29)

Neste trabalho, que tem como foco o que as crianças vivem no sentido do brincar e das brincadeiras a partir das postagens nas redes sociais das escolas, encontro referenciais na abordagem qualitativa, pois ela me permite ser “(...) guiada por um desejo de explicar esses acontecimentos, por meio de conceitos existentes ou emergentes” (Yin, 2016, p. 30).

Como forma de coleta de dados para a pesquisa, escolhi as fotografias na rede social *Instagram*, trabalhando com as postagens das escolas em suas contas, em relação às crianças em seus contextos de brincar.

As fotografias podem nos trazer muitas informações da disponibilidade e das ofertas que naquele momento da captura da imagem se mostram presentes, reconhecendo que “uma fotografia é como todas as outras formas de dados qualitativos.” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 185).

Como a coleta de dados ocorreu sem entrevistas com professoras ou auxiliares (não podemos afirmar quem fotografou os registros), estamos tratando de uma pesquisa com fotos retiradas da internet. Seria impreciso afirmar sobre as intenções de quem capturou esses momentos das crianças, no entanto, ainda podemos analisar dados que essas imagens nos proporcionam a partir do olhar, como a disposição dos espaços e ambientes, quais brinquedos são oferecidos, quais são as materialidades oportunizadas, com o que estão brincando e com quem brincam. Enfim, as imagens narram concepções e intencionalidades sobre o brincar de bebês nas instituições educativas.

O que podemos ter como direcionamento das postagens coletadas é que, de certa forma, quem fotografou queria mostrar algo a alguém, pois “as fotografias

podem representar a visão do que o fotógrafo considera importante, as ordens que foram dadas a ela ou ele por um superior ou às exigências das pessoas retratadas” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 185).

Quem publica essas postagens quer mostrar algum tipo de narrativa fotográfica e pedagógica para as pessoas que acompanham o trabalho daquela escola, narrativas que podem ser do cotidiano e das crianças. Estas expressam escolhas, recortes que quem publica a foto, e que permite análises e reflexões para quem observa, para quem deseja ver, olhar, observar, enfim, ser tocado pela imagem e pela história que conta.

Quando a fotografia é selecionada para publicação, possivelmente existe uma intenção da pessoa que cuida das redes sociais de narrar algo para quem está fora daquela realidade no dia a dia, o que está sendo narrado nas imagens e acaba trazendo mais informações sobre como aquela escola se retrata na rede social. Trezzi, Oliveira, Rosito (2019) destacam o quanto as narrativas carregam a possibilidade de memórial.

Estas fotos possivelmente podem guardar registros para as famílias, que as mantêm como recordação da época escolar dessas crianças, as quais são muito importantes para núcleos familiares e até mesmo para a escola. Com o passar dos anos, a instituição utiliza essas fotos na produção de memórias, mostrando como era aquele espaço e quem ocupava. Bogdan e Biklen já afirmaram que “as fotografias podem oferecer-nos uma visão histórica do meio e dos seus participantes.” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 184)

Podemos pensar que na nossa sociedade atualmente digital, é muito mais fácil capturar imagens, guardar essas recordações, acessá-las e até mesmo divulgá-las, podendo ser fisicamente, por meio de revelações, ou virtualmente em redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, *WhatsApp*, *X*, e plataformas como *Google Fotos*.

Destaco que desde 2019, ano que ingressei no Curso de Pedagogia, criei um perfil acadêmico para pesquisar escolas e instituições de educação infantil. Busquei acompanhar as postagens dessas instituições no que se referia ao trabalho desenvolvido com bebês. Em seguida, observei as escolas que tinham maior frequência de postagens dos bebês, e de crianças menores em seus contextos, em espaços internos e externos, destacando os materiais que apareciam nas

postagens, bem como o volume de postagens. Portanto, a escolha deu-se na seleção de dois perfis do *instagram* para acompanhar e selecionar as imagens como objeto do estudo.

Assim, esta pesquisa considerou duas escolas de municípios diferentes, uma pública de Novo Hamburgo e outra privada de Porto Alegre, que possuem um alto volume de postagens na rede social *Instagram* sobre as rotinas das crianças. Essas escolas foram objetos de investigação, e ambas possuem perfis públicos no aplicativo.

A respeito do processo de coleta e organização das imagens e objetos de análise para este estudo, as imagens das escolas foram arquivadas entre janeiro de 2022 e dezembro de 2023. Elas foram categorizadas em pastas correspondentes aos nomes das escolas, seguido pela criação de subpastas distintas para os temas abordados: espaços internos e externos das instituições. Num segundo momento, selecionei as imagens que seriam utilizadas no desenvolvimento do trabalho.

Saliento que este processo foi bastante desafiador de se concluir na condição de pesquisadora iniciante, pois o escopo do material bruto envolveu quase 500 fotografias selecionadas no total, além das publicações que agrupavam até 10 fotografias em uma mesma postagem, conhecidas como “carrossel”. Foi necessário analisar diversas postagens, fazer escolhas e refletir conforme o foco do trabalho, resultando em muitos questionamentos durante essa fase da pesquisa. Destaco que um exercício que me ajudou nas escolhas das imagens para ir eliminando fotografias já armazenadas, foi voltar a pergunta de pesquisa e ver se aquela foto ajudava a responder minha pergunta de pesquisa, percebendo que a foto poderia ser interessante, mas não ajudava a responder a pergunta de pesquisa, portanto, algumas fotos foram descartadas.

Os estudos de Bogdan e Biklen apresentam a fotografia como uma narrativa que emerge na pesquisa qualitativa em educação, sendo que neste estudo essa abordagem foi complementada pela pesquisa de Giulia Fraga, que analisou as fotografias a partir da rede social *Instagram*.

Giulia Fraga (2019), em sua tese de doutorado “Viver e compartilhar: Fotografias de crianças no Instagram”, cita o fenômeno recente de crianças que compartilham suas fotografias, trazendo pontos importantes que foram subsídios

para o meu estudo. Destaco o processo de "(...) imersão da pesquisadora no aplicativo para identificar suas especificidades" (Fraga, 2019, p. 27).

Fraga (2019) utiliza a metodologia participativa com crianças no *Instagram*, explorando fotografias que um grupo de crianças escolheu postar na rede social, referenciando a relação entre crianças e redes sociais. Em seu estudo, ela explora como a cultura digital influencia os dias de hoje, Segundo a pesquisadora:

As características da cultura digital estão, com efeito, presentes em nosso cotidiano, por todos os lados para os quais olharmos, desde mudanças na realidade econômica e social, no campo político, ou mesmo nos processos comunicacionais e nas manifestações culturais, como também nas práticas educativas. (Fraga, 2023, p. 22)

A classificação desta pesquisa em relação ao seu objetivo é exploratória e descritiva já que utiliza redes sociais de escolas que postam fotos em relação ao brincar na creche. Ênfase que não encontrei trabalhos semelhantes realizados, utilizando o *Instagram* como fonte primária; encontrei o de Fraga (2023), que é recente e explora bastante os contextos narrativos.

De acordo com Suzana Schwertner, no artigo "Fotografias em Discurso: As Funções Da Escola Em Foco", a autora destaca que "Pensar sobre imagens fotográficas torna-se um trabalho importante para o pesquisador em educação que busca compreender os jogos de verdade de uma época, de investigar a produção de subjetividades em um determinado contexto." (Schwertner, 2018, p. 136)

Para Fischman e Sales (2014), pesquisas sobre imagens na Educação ainda são escassas em estudos brasileiros (Fischman e Sales, 2014 *apud* Schwertner, 2018). Portanto, em meu estudo, analiso os espaços, materiais e propostas em contextos de brincar que são oferecidos em duas escolas de educação infantil do estado do Rio Grande do Sul, a partir de postagens no *Instagram*.

Delimitamos duas escolas que serviram de aporte para a realização desta pesquisa: uma pública municipal de Novo Hamburgo, a Escola Municipal de Educação Infantil João de Barro, e outra da rede privada de ensino em Porto Alegre, a Escola de Educação Infantil Cotidiana. O critério de escolha dessas instituições foi a quantidade de postagens realizadas nas contas do *Instagram*, que ultrapassam 1.000 publicações, além dos outros fatores que citei como ter postagens atualizadas, bebês, pois não são todas as escolas de educação infantil que

trabalham com bebês. Outro aspecto importante, foram os contextos de materiais disponíveis, as narrativas que possuíam as fotografias e também o fato de serem contas de acesso público, que qualquer pessoa que tenha a rede social possa acessá-las.

No escopo deste estudo, foram consideradas as publicações no período de janeiro de 2022 a dezembro de 2023 para ambas as escolas selecionadas, abrangendo o intervalo temporal disponível para a pesquisa.

Ao longo desta pesquisa, descrevo os elementos presentes nas fotografias, realizando uma análise para identificar se os objetos são brinquedos estruturados ou não estruturados, bem como me proponho a examinar os ambientes e espaços retratados, incluindo se as atividades ocorrem ao ar livre ou dentro da sala de referência. Além disso, investiguei as diferentes materialidades oferecidas. Exploro as informações transmitidas pelas fotografias aos espectadores, indagando sobre as narrativas que emergem em relação à prática pedagógica com bebês no cotidiano das instituições. Quais as possíveis informações narradas pelas fotografias para quem acessa as postagens? Quais narrativas pedagógicas sobre a ação pedagógica com bebês e crianças bem pequenas no cotidiano das instituições estão e/ou podem estar sendo construídas?

Este trabalho parte da hipótese de que as imagens compartilhadas no *Instagram* estabelecem uma narrativa pedagógica sobre o brincar de bebês, configurando as especificidades da ação pedagógica na creche.

3 ESTUDOS IMPORTANTES PARA COMPREENDER O BRINCAR NA CRECHE

3.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica deste trabalho de conclusão de curso foi conduzida por meio das plataformas de pesquisa Google Acadêmico e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), utilizando os descritores “bebês”, “bebê”, “brincar”, “brincadeiras”, com um recorte temporal entre 2018 a 2023.

Foram encontrados diversos trabalhos com estes descritores, porém, na análise do resumo, foram excluídos diversos resultados, pois envolviam outros temas de pesquisa sobre bebês, estudos sobre a pré-escola ou, até mesmo, trabalhos não relacionados com a educação ou pedagogia mas, sim, vinculados à temática da saúde.

A revisão bibliográfica realizada é apresentada no quadro a seguir.

Quadro 1- Produção bibliográfica

Tipo de Produção	Título	Autores	Ano	Base Identificada
TCC	Espacialidades E Materialidades Na Educação Infantil : Um Estudo Fotoetnográfico	Caroline Portal Peralta	2018	Google Acadêmico
Dissertação	Brincadeira Dos Bebês Em Contexto De Creche: A Explicitação De Uma Pedagogia	Alessandra Giriboni De Oliveira	2019	Biblioteca Digital Brasileira De Teses E Dissertações
Dissertação	As Interações Dos Bebês Na Creche: O Que Eles Fazem E Dizem?	Elaine Tayse De Sousa	2019	Biblioteca Digital De Teses E Dissertações
Artigo	Pedagogias Sustentadoras Das Brincadeiras Dos Bebês Em Contexto De Creche	Alessandra Giriboni E Mônica Pinazza	2019	Google Acadêmico
Artigo	Ações Dos Bebês Em Diferentes Formas De	Luciana Perpetuo	2019	Google Acadêmico

	Organização Do Espaço E Dos Materiais: Resultados De Pesquisa	Máximo, Maévi Anabel Nono		
TCC	O Brincar Heurístico Na Creche:Um Mundo De Possibilidades E Relações	Tamires Ferreira Rodrigues Chepak	2020	Google Acadêmico
Artigo	Cadê o Nenê? Achou... - Brincadeiras E Aprendizagens No Contexto Da Creche	Andréa Costa Garcia Mônica Appezzato Pinazza	2021	Google Acadêmico
Artigo	O Brincar De Corpo Inteiro: O Bebê E A Sutileza Das Interações	Celita Maria Paes De Sousa E Daniele Dorotéia Rocha Da Silva De Lima	2021	Google Acadêmico
Dissertação	A Prática Do Brincar Na Creche: Uma Análise Crítica Propositiva	Ana Paula Gomes De Araujo	2021	Biblioteca Digital De Teses E Dissertações
Tese	Brincando E Interagindo Na Educação Infantil: Experiências De Bebês No Cotidiano De Práticas Educativas	Maria Elisa Nicolielo Giglioli	2021	Biblioteca Digital Brasileira De Teses E Dissertações
TCC	"Brinca Que Nem Gente!":O Brincar E As Interações Na Relação Entre Adultos E Bebês Na Creche	Isabella De Moraes Ribeiro	2022	Google Acadêmico
Artigo	Práticas Pedagógicas Para Os Bebês De 0 A 3 Anos Na Educação	Gabriely Duarte Pereira Dos Passos, Mariléia Mendes Goulart	2022	Google Acadêmico
Artigo	Práticas Investigativas Com Bebês: Um Lugar A Ser (Re)Visitado	Daiane Woiciechovski Meireles, Patrícia Ignácio	2023	Google Acadêmico

Para começar a escrever sobre bebês, devemos resgatar informações mais antigas desses pequenos sujeitos, como a perspectiva da normalidade sobre a invisibilidade dos bebês. Segundo Andréa Garcia e Mônica Pinazza (2021), no artigo “Cadê O Nenê? Achou... - Brincadeiras E Aprendizagens No Contexto Da Creche”, os estudos de Rosseti-Ferreira foram importantes nos anos 80 para diminuir essa invisibilidade existente.

Contudo, mesmo com estes estudos, a invisibilidade dos bebês ainda permanece, como apontam Carolina Gobatto e Maria Carmen Silveira Barbosa no artigo “A (Dupla) Invisibilidade Dos Bebês E Das Crianças Bem Pequenas Na Educação Infantil: Tão Perto, Tão Longe” de 2017. Elas fazem referência à pesquisadora Fúlvia Rosemberg, uma grande pesquisadora da área das políticas públicas, que, em seus estudos, evidenciou que as desigualdades sociais se iniciam com os bebês negros, pobres e que vivem na periferia e áreas rurais. Barbosa e Gobatto (2017) ainda ressaltam em seu texto que essa invisibilidade se manifesta nos documentos oficiais e nos discursos que orientam a prática pedagógica. Portanto, é possível afirmar que a invisibilidade dos bebês é multifacetada e persiste em diversas instâncias.

No artigo “Práticas Pedagógicas Para Os Bebês De 0 A 3 Anos Na Educação Infantil”, escrito por Gabriely Passos e Mariléia Goulart, as pesquisadoras investigam práticas pedagógicas voltadas para bebês e crianças pequenas. As autoras exploram o ambiente interno da creche, descrevendo os espaços ocupados pelas crianças por meio de fotografias capturadas na creche privada localizada no município de Jaguaruna, Santa Catarina. O estudo apresenta dados que permitem refletir como as fotografias nos trazem diversas informações de espaços dos quais não poderíamos nos aproximar tão facilmente. Ao examinar os registros fotográficos do artigo, é possível compreender, mesmo que minimamente, as propostas e a organização do espaço na instituição. As pesquisadoras também refletem sobre a intencionalidade por trás da organização do ambiente escolar, destacando que:

Para que a estruturação da prática pedagógica com os bebês aconteça de forma positiva é preciso que o espaço em que eles estejam seja organizado de maneira que se sintam acolhidos, é necessário que materiais, brinquedos e o ambiente estejam organizados, dessa forma os bebês podem explorar o ambiente e desenvolver sua autonomia. (Passos e Goulart, 2022, p. 4)

Dessa forma, a exploração dos bebês depende de mais de um fator, pois além do espaço adequado, acessível e seguro para os bebês, é preciso considerar também a escolha dos materiais que sejam interessantes e convidativos, incentivando assim a interação e a brincadeira.

Continuando na busca por materiais bibliográficos, deparei-me com a dissertação de mestrado de Alessandra Giriboni de Oliveira, intitulada “Brincadeira dos bebês em contexto de creche: A Explicitação De Uma Pedagogia”, assim como um artigo derivado da dissertação, coescrito em colaboração com sua orientadora Mônica Appezzato Pinazza, intitulado “Pedagogias Sustentadoras Das Brincadeiras Dos Bebês Em Contexto De Creche”.

Nestes trabalhos, a pesquisadora conduziu um estudo de caso em uma creche em São Paulo, tendo como objeto de estudo os contextos do brincar no coletivo. Utilizou como referencial Goldschmied e Jackson (2006), Falk (2011) e Majem e Òdena (2010), entre outros pesquisadores que abordam o brincar de bebês.

Na dissertação, a pesquisadora realizou análise documental e entrevistas com as profissionais que trabalham na unidade. Para poder compreender melhor a instituição, a autora fotografou alguns espaços da creche e anexou em seu trabalho.

Segundo Oliveira (2019, p. 16), a pesquisadora que “constatou que a rede municipal carecia de um olhar mais específico para o brincar de bebês”. O município a que a mesma se refere é São Bernardo do Campo, onde a pesquisa foi realizada.

Outro dado que Oliveira (2019) trouxe no trabalho enfatiza que as pesquisas sobre educação infantil aumentaram nos últimos anos, porém, quando se pesquisa sobre berçários, os números caem em comparação a outras faixas etárias da Educação Infantil.

No trabalho de conclusão de curso de Tamires Ferreira Rodrigues Chepak, intitulado “O Brincar Heurístico Na Creche: Um Mundo De Possibilidades E Relações”, a pesquisadora realiza uma revisão bibliográfica sobre o assunto e, como principal fundamentação teórica, utiliza estudos de Elinor Goldschmied e Sonia Jackson (2006). Chepak também pesquisa os contextos coletivos do brincar, buscando investigar o brincar na creche desde a perspectiva do brincar heurístico.

Destacando que foi motivada a realizar esta pesquisa por sua experiência com educação infantil.

Chepak (2020) conclui como o brincar heurístico é importante para as crianças e destaca ao final do trabalho que: “Pode-se observar a escassez de trabalhos sobre as diferentes modalidades do brincar heurístico, destacando o papel da professora como mediadora” (Chepak, 2020, p. 39).

No artigo “Ações Dos Bebês Em Diferentes Formas De Organização Do Espaço E Dos Materiais: Resultados De Pesquisa”, Luciana Perpétuo Máximo e Maévi Anabel Nono realizaram um pesquisa etnográfica em uma creche pública paulista; as pesquisadoras utilizaram fotografias, registros escritos e filmagens para investigação no espaço escolar, com 28 bebês.

No decorrer da escrita são detalhados os espaços que foram encontrados nesta creche, como é a interação dos bebês naquele espaço e como estavam ocupando aquele lugar. O estudo transcorreu ao longo de três fases distintas, sendo que na primeira não houve alterações no ambiente, com os adultos mais distantes, enquanto ocorreram mais modificações nas fases segunda e terceira. As autoras concluíram que a organização dos espaços em cantos favorecem a ação dos bebês nas interações com o ambiente e com os estímulos propostos, evidenciando que “Espaços estruturados permitem que a criança brinque mais tempo longe do adulto favorecendo que ressignifique o ambiente e desenvolvam novas ações” (Máximo e Nono, 2019, p. 59).

O trabalho de conclusão de curso de Caroline Portal Peralta, intitulado de “Espacialidades E Materialidades Na Educação Infantil: Um Estudo Fotoetnográfico”, retrata os espaços das escolas de crianças de 0 a 5 anos, buscando entender a organização desses espaços e materiais nas salas de aula da educação infantil. O campo de pesquisa foi uma escola de educação infantil da rede municipal de Porto Alegre, outra pública no município de Gravataí e uma da rede privada do mesmo município.

Nesta pesquisa, Peralta (2018) concluiu que “A partir das análises, foi possível inferir que os espaços das Escolas de Educação Infantil nem sempre acolhem e despertam o interesse e curiosidade das crianças, já que são pensados somente do ponto de vista docente” Segundo ela, “Foi possível observar que a oferta de espaços externos amplos contribui com o planejamento de propostas

desencadeadoras de investigações, descobertas e aprendizagens potentes.” (Peralta, 2018, p.5).

No artigo “Práticas investigativas com bebês: um lugar a ser (re)visitado”, derivado de uma pesquisa de mestrado, escrito por Daiane Woiciechovski Meireles e Patrícia Ignácio, as autoras buscam “identificar quais as concepções e as práticas investigativas que emergiram nas narrativas de professoras que atuam com bebês sobre os seus fazeres” (Ignácio e Meireles, 2023, p. 1).

O estudo envolveu a aplicação de um questionário a 92 professoras de escolas de educação infantil em um município no vale do Rio dos Sinos, no estado do Rio Grande do Sul. No entanto, nem todas responderam, e no final foram escolhidas 5 docentes pelos critérios da pesquisa. Nas entrevistas realizadas, as pesquisadoras perceberam diversas dúvidas das professoras referentes às práticas investigativas, mas também um diálogo das experiências das docentes com as propostas pedagógicas e a legislação.

Meireles e Ignácio concluem trazendo a necessidade de haver mais estudos sobre os bebês. Segundo as pesquisadoras:

Com essas compreensões, percebe-se que é urgente a necessidade de outros estudos acerca das práticas investigativas com bebês, como também, a inserção da temática na formação inicial e continuada de professores a fim de ampliar o debate acadêmico sobre as práticas investigativas na docência de bebês. (Ignácio e Meireles, 2023, p. 18).

Na monografia de Isabella de Moraes Ribeiro, intitulada de “Brinca que nem gente!": o brincar e as interações na relação entre adultos e bebês na creche". O trabalho revisita alguns aspectos históricos da educação de bebês e crianças bem pequenas. Em seguida, apresenta a pesquisa de campo conduzida em uma creche particular no Rio de Janeiro, destacando a escassez de estrutura da instituição, a disposição inadequada dos brinquedos, além da ausência de espaços para o brincar livremente (Ribeiro, 2022).

A pesquisadora ainda enfatiza que:

O fato de os brinquedos e livros não ficarem disponíveis para os bebês brincarem diz respeito a uma escolha pedagógica que se aproxima mais do adulto do que da criança, já que as educadoras escolhem o momento em que esses instrumentos podem ser utilizados, gerando uma noção de ordem e dependência. (Ribeiro, 2022, p. 33)

Ribeiro relata, no decorrer do trabalho, diversos momentos de imposições aos bebês e de censura por conta das educadoras que negavam objetos e brinquedos que os bebês gostariam de pegar. Ela cita que “As educadoras parecem não compreender a necessidade da movimentação corporal dos bebês, na maior parte do tempo” (Ribeiro, 2022, p. 39).

Na conclusão do trabalho, a autora destaca como é importante uma formação que valorize as crianças, e que “O trabalho aponta para a importância de docentes responsáveis e conscientes de seus papéis enquanto profissionais da educação que garantem o direito dos bebês a terem relações educativas prazerosas, alegres e respeitadas” (Ribeiro, 2022, p. 47) e de uma valorização do brincar.

A dissertação de Ana Paula Gomes de Araujo, intitulada “A Prática Do Brincar Na creche: Uma análise crítica propositiva”, foi pesquisado sobre o brincar na creche em uma escola de Santo André e foram utilizados registros da professora/pesquisadora (Araújo, 2021).

Além da organização do espaço que influenciou nas propostas que a mesma fez a turma, já que “Apesar de eu querer propiciar o brincar com propósito educativo, há certa burocratização devido ao tempo e ao espaço, de forma que o brincar tornou-se segmentado e não contínuo” (Araújo, 2021, p. 89).

Nesta pesquisa, ela conclui que houve muitas limitações nas brincadeiras e que:

Após as análises realizadas, pude observar que a organização de espaço e da rotina escolar, em muitos momentos, está mais a serviço de atender ao maior número de crianças do que organizar espaços que promovam e garantam o brincar de qualidade. (Araújo, 2021, p. 90).

Esses estudos nos levam a concluir a respeito da necessidade de mudanças nos espaços das creches, evoluções na perspectiva da ação pedagógica das educadoras, como Ribeiro (2022) e Giglioli (2021) sinalizam. As pesquisas apontam que o brincar dos bebês envolve um conjunto de ações com várias etapas, do investimento do local, seja um espaço público ou privado, apresentando convites que as professoras fazem aos bebês e crianças bem pequenas naquele espaço disponível. A pesquisadora ainda complementa sobre a necessidade de uma conscientização do brincar, por todos que trabalham nas escolas e no poder público

(Araujo, 2021), já que espaços de qualidades, com materiais diversos necessitam de verbas financeiras.

Elayne Tayse de Sousa, na sua dissertação “As interações dos bebês na creche: o que eles fazem e dizem?” escreve que “Entretanto, por vezes a formação inicial não dá conta dessa compreensão e, além do mais, é relativamente recente um olhar para a educação de bebês.” (Sousa, 2019, p. 131) e ressalta como os bebês são potentes:

Faz-se necessário compreender que, ainda que os bebês não se comuniquem por meio da palavra, portanto, dos signos linguísticos, têm necessidades e direito a interações qualificadas e a creche se caracteriza como um espaço privilegiado para essas ações, devendo e podendo conferir legibilidade aos atos infantis.(Sousa, 2019, p. 132).

Por fim, Maria Elisa Nicolielo Giglioli na sua tese intitulada “Brincando E Interagindo Na Educação Infantil: Experiências De Bebês No Cotidiano De Práticas Educativas”, pesquisou as interações dos bebês na creche com foco no brincar, a investigação ocorreu em uma creche municipal no interior de São Paulo em uma turma de berçário.

O estudo da autora concluiu que “Os resultados revelaram que as interações e brincadeiras vivenciadas pelos bebês ocorreram em um contexto de inexistência da oferta de experiências e situações qualificadas” (Giglioli, 2021, p. 8).

A pesquisadora continua com esta afirmação:” [...] A falta de organização do espaço para brincar, que se manteve do mesmo modo, com a disponibilização dos mesmos brinquedos e objetos, sem observação atenta, planejamento ou intencionalidade educativa por parte das educadoras para que os bebês fossem incentivados em suas ações. “(Giglioli, 2021, p. 8).

É possível observar como os estudos aqui referenciados apontam para a ampliação, ao longo dos anos, das pesquisas sobre os bebês, porém, comparados a outras temáticas da educação infantil, ainda são restritas. Destacam que os espaços para os bebês e crianças bem pequenas precisam de estudos e planejamento em relação às especificidades nas propostas nas creches, pois ainda apontam certas dificuldades de organização, seja por conta das pessoas que organizam o espaço, e/ou os tempos disponíveis, como a pesquisa de Araújo (2021), que atentam sobre os curtos períodos para as propostas, já que “[...] Ainda,

a organização de espaço e da rotina escolar, em muitos momentos, está mais a serviço de atender ao maior número de crianças do que organizar espaços que promovam e garantam o brincar de qualidade.” (Araújo, 2021, p. 90)

Nesse sentido, desejo que esse estudo contribua para as reflexões acerca do brincar de bebês, ampliando a visibilidade sobre a ação pedagógica na creche.

3.2 O BRINCAR NA CRECHE NO CONTEXTO DAS LEGISLAÇÕES E NORMATIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da educação básica, atendendo crianças de 0 a 5 anos de idade, conforme estipulado pela Lei nº 9.394/1996, que institui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, também conhecida como LDB, e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI).

Apesar da Constituição Federal de 1988 já assegurar o direito das crianças à assistência em creches e pré-escolas, atribuindo tal responsabilidade ao Estado, a LDB 9394/96 específica de maneira clara:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Brasil, 1996, p. 22,).

Neste mesmo documento, é detalhado que o atendimento em creches ou instituições equivalentes será destinado a crianças com idades entre 0 e 3 anos, enquanto as pré-escolas estarão voltadas para aquelas entre 4 e 5 anos.

A definição de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas é apresentada pelo documento “Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para as reflexões das orientações curriculares”³, que subsidiou as DCNEI (2009). A professora Maria Carmen Silveira Barbosa foi consultora deste projeto. Esse documento define que:

Tendo em vista que o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA considera as pessoas de até 12 anos de idade incompletos como crianças,

³ Este documento foi elaborado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul que foi responsável pelo Projeto De Cooperação Técnica MEC/UFRGS que realizou pesquisas para subsidiar a Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

este documento, voltado para a educação de crianças de 0 a 6 anos utilizará uma nomenclatura diferenciada para destacar as especificidades requeridas pela faixa etária dos 0 a 3 anos. Assim, estamos compreendendo bebês como crianças de 0 a 18 meses; crianças bem pequenas como crianças entre 19 meses e 3 anos e 11 meses; crianças pequenas como crianças entre 4 anos e 6 anos e 11 meses. Reservamos a denominação de crianças maiores para as crianças entre 7 e 12 anos incompletos. (Brasil, 2009, p.05)

Ainda em 2009 é homologado, pelo Conselho Nacional de Educação, o parecer 20/2009, que trata da Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Assim, a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (Brasil, 2009), consolidando o reconhecimento da etapa da Educação Infantil. Nesse contexto, destacou-se as especificidades da concepção de criança e currículo nessa primeira etapa da educação, definindo que:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (Brasil, 2009, p. 18)

Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI, 2009) indicam dois eixos norteadores propostas pedagógicas,, que são as “Interações” e a “Brincadeira” e, no parecer 20/2009, é destacada a importância das relações no planejamento das práticas e, também, do brincar:

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. (Brasil, 2009, p.06)

A partir dos debates promovidos pelas pesquisas que subsidiaram a revisão das DCNEI (2009), inicia-se um longo percurso na Educação Infantil brasileira em relação às especificidades de uma pedagogia para os bebês e crianças bem pequenas.

No livro “Escritos de Fúlvia Rosemberg”, organizado por Amélia Artes e Sandra Unbehaum, Maria Machado Malta Campos relata como a pesquisadora e professora Fúlvia Rosemberg, realizou diversos estudos sobre os bebês e a creche, constatando a fragilidade da instituição creche, e a invisibilidade das crianças entre 0 a 3 anos (Campos, 2015).

Rosemberg apresenta dados de como crianças de 0 a 3 anos foram negligenciadas por muito tempo, destacando que:

As mídias não têm contribuído para ampliar a visibilidade de crianças pequeninas em outros espaços sociais além da casa. Crianças pequeninas⁴ são matérias de mídia apenas quando associadas à condição de vítimas, notícias a sensações, e que ocorrem particularmente em situações de tragédia no espaço privado e público. (Rosemberg, 2015, p.198)

Rosemberg evidencia, em seus inúmeros artigos e estudos, a importância de políticas públicas para o acesso dos bebês à creche. A autora faleceu em 2014 porém continua sendo uma referência em defesa da infância e da educação infantil. Ela afirma que:

A importância de instituições educacionais na vida de crianças, particularmente das pequeninas, pode escapar aos adultos que têm autonomia de locomoção, que têm liberdade de ir e vir. Crianças pequenas, bebês, são populações cativas, cuja locomoção depende de adultos. Se não dispuserem de espaços alternativos à casa, viverão seus anos de pequena infância nas condições restritas do domicílio. (Rosemberg, 2015, p. 211)

É importante reiterar que os documentos produzidos nas últimas décadas expressam a necessidade de reconhecer os estudos sobre o desenvolvimento e as práticas pedagógicas para as crianças desde o nascimento (Brasil, 2009), destacando a importância da especificidade dos bebês e crianças até três anos. O Parecer CNB/CEB n° 20/2009 ressalta mais uma vez como o brincar é importante para as crianças, já que:

Uma atividade muito importante para a criança pequena é a brincadeira. Brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz. (Brasil, 2009, p. 07)

⁴ A pesquisadora se refere aos bebês como crianças pequeninas em suas obras.

Outro documento produzido no âmbito do Ministério da Educação juntamente com a United Nations Children's Fund (UNICEF) no ano de 2012, que vai ao encontro das DCNEI (2009) explorando as questões em torno do brincar e da brincadeira no contexto da creche, foi "Brinquedos e Brincadeiras de creche: Manual de Orientação Pedagógica", com a consultoria das professoras Dra. Tizuko Morchida Kishimoto e da Dra. Adriana Freyberger.

Este manual se destaca como um documento técnico que orienta os educadores e gestores de escolas em relação às práticas do brincar com crianças entre 0 e 3 anos e tem como base a DCNEI (Brasil, 2012). Ele é organizado em 5 capítulos, sendo o primeiro "Brincadeira e interações nas Diretrizes Curriculares para a educação Infantil", o segundo "Brinquedos, Brincadeiras e Materiais para Bebês (0 a 01 anos e meio)", o terceiro "Brinquedos, Brincadeiras e Materiais para Crianças Pequenas (1 ano e meio a 3 anos e 11 meses), o quarto "Organização Do Espaço Físico, Dos Brinquedos e Materiais para Bebês e Crianças Pequenas" e, por fim, o quinto "Critérios de Compras e Usos Dos Brinquedos e Materiais para Instituições de Educação Infantil".

Na introdução do documento, já é reconhecido que a faixa etária de 0 a 3 anos é historicamente excluída do sistema educacional, por isso a prioridade deste manual são as crianças pequenas. O documento frisa diversas vezes que a principal atividade que bebês e crianças pequenas devem desempenhar é o brincar e as brincadeiras (Brasil, 2012). Porém, o brincar tem uma intenção pedagógica, então é necessário estudos teóricos dos profissionais da infância. Ainda, refere que "valorizar o brincar significa oferecer espaços e brinquedos que favoreçam a brincadeira como atividade que ocupa o maior espaço de tempo na infância" (Brasil, 2012, p. 05).

Ao longo dos módulos são apresentadas algumas sugestões e o passo a passo de como fazer brincadeiras, confeccionar brinquedos, orientações de como fazer a avaliação do trabalho pedagógico, registros e documentação. Segundo Oliveira:

Sem dúvida, este documento representou algo inédito para a educação infantil nas creches, ao tratar do brincar do bebê e das crianças e apontar caminhos para os gestores e educadores da creche, valorizando a brincadeira como imprescindível para a educação infantil. (Oliveira, 2019, p. 39).

Em 2017, o Ministério da Educação lançou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento que propõe uma organização do currículo na Educação Básica. A Base, também chamada de BNCC, é estruturada em três grandes etapas da educação básica, que são a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

A BNCC (2017), no que se refere à Educação Infantil, busca dar continuidade à concepção das DCNEI (2009) a partir da ideia dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Estes direitos são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, que serão desenvolvidos no cotidiano das escolas por meio das interações, brincadeiras e propostas pensadas a partir dos campos de experiências que abrangem: O eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

A BNCC evidencia em seu documento objetivos articulados aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, organizados por faixa etária da seguinte forma: na sub-etapa Creche, incluem-se os Bebês (de zero a 1 ano e 6 meses) e as Crianças bem pequenas (de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses). Na sub-etapa Pré-Escola, são contempladas as Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

Os “Direitos de aprendizagem e desenvolvimento da educação infantil”, segundo a BNCC, estão dispostos no quadro a seguir:

Quadro 2 - Direitos de aprendizagem segundo a BNCC

Direito	O que diz a BNCC
Conviver	Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas. (Brasil, 2017, p. 36).
Brincar	Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (Brasil, 2017, p. 36).

Participar	Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando. (Brasil, 2017, p. 36).
Explorar	Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (Brasil, 2017, p. 36).
Expressar	Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens. (Brasil, 2017, p. 36).
Conhecer-se	Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (Brasil, 2017, p. 36).

Fonte: Elaborado pela autora, segundo a BNCC (2017)

A partir da análise dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento, podemos inferir que grande parte deles ocorrem em diversos momentos do cotidiano das crianças na escola. É no contexto da instituição que eles brincam e convivem com outras crianças, de diferentes faixas-etárias, de diferentes contextos, e vivenciam propostas em espaços adequados, com tempo e materiais diversificados. A escola de Educação Infantil, como um espaço de educação coletiva, é o lugar para que as crianças possam se desenvolver e aprender, brincando, conhecendo-se, participando, explorando e convivendo.

Diversos pesquisadores da área da educação infantil posicionaram-se com críticas ao processo de construção da BNCC. No artigo “Base Nacional Comum Curricular: garantia ou ameaça à educação Infantil?”, escrito pelas pesquisadoras Maria Carmen Silveira Barbosa e Maria Luiza Rodrigues Flores, é relatado que a

construção da BNCC na primeira fase ocorreu sem participação de representantes da Educação infantil e, depois, foi de forma quase nula, sendo que de 116 colaboradores, somente 4 eram da área da EI (Barbosa e Flores, 2020).

As autoras destacam que a BNCC foi elaborada a partir de um histórico liberal com influência de empresários na sua criação e muito focada na relação ensino x aprendizagem. Segundo as pesquisadoras:

Há uma maior ênfase na relação ensino e aprendizagem, no professor como modelador do comportamento infantil, nos objetivos individualizados, no controle da aprendizagem pelo professor, e no uso de inúmeras técnicas e tecnologias educacionais, com a ausência de referências às relações históricas, sociais e culturais, assim como consideração às diversidades sociais e individuais. Isto é, uma tendência oposta àquela defendida pelas DCNEIs como concepção de criança e currículo. (Barbosa e Flores, 2020 p. 96)

A respeito das críticas à BNCC, é importante reconhecer que elas ocorreram em todas as etapas, mas o que queremos destacar aqui é que na educação infantil, especialmente na faixa etária da creche, a BNCC-EI foca em objetivos a cumprir, organizados por faixas etárias, gerando um apagamento das propostas educativas centradas nas crianças e em seus contextos sociais e culturais. É preciso enfatizar que ainda há muito que se pesquisar sobre as contribuições "reais" da BNCC-EI (2017) para a EI e sobre o jogo de forças imposto pelo empresariado brasileiro para a implementação da BNCC na etapa da Educação Infantil.

3.3 O BRINCAR NA CRECHE: DIÁLOGO INICIAL COM OS ESTUDOS DA ÁREA

Toda criança tem direito a brincar, mas estudos relacionados aos bebês e o ato de brincar estão em período de ascensão nos tempos atuais. Fochi (2015) apresenta um rastreamento dos trabalhos acadêmicos que trazem creche e berçário em seus nomes e também observa que estão aumentando o número de pesquisas que trabalham a especificidade dos bebês e crianças bem pequenas que estão na faixa etária da creche. No livro "Afinal, o que os bebês fazem no berçário" Fochi (2015) destaca a importância de uma ação conjunta da equipe dirigente da instituição junto das questões de ensino, dos educadores responsáveis pela turma,

dos materiais estruturados e não estruturados ofertados e de um local organizado para estas atividades. Garcia e Pinazza corroboram essa afirmação:

O processo de aprendizagem constitui-se pelo desenvolvimento interativo entre as crianças e adultos, tendo os espaços, tempos educativos e as atividades a função de possibilitar essa interatividade de forma significativa e compartilhada. (Garcia e Pinazza, 2021, p. 13)

O educador que trabalha com bebês necessita identificar a oportunidade adequada para propor uma exploração, convidando os bebês a participarem daquele momento no ambiente. Além disso, é fundamental que esteja preparado para investigar junto com as crianças os diferentes momentos. Quando nos referimos aos bebês, neste primeiro momento da infância, é crucial, compreender que “todas as ações que possibilitem a escolha com autonomia, influenciam na possibilidade de tomada de decisões, gerando iniciativa, algo que já deve ser despertado na criança desde muito cedo” (Meireles e Ignácio, 2023, p. 11).

Muitas famílias não valorizam os momentos de brincadeiras de seus filhos, pois acham que eles só estão “brincando”, mas neste momento existe um grande esforço cognitivo que eles estão realizando. Segundo Meireles e Ignácio (2023), é importante compreender que a experiência vem de tudo que pode ser explorado pelos bebês.

É fundamental pelo menos um adulto referência que brinque com o bebê, pois para Giglioli:

Os bebês aprendem a brincar a partir do momento em que os membros de sua família e outras pessoas o inserem na brincadeira, seja tocando as partes do seu corpo e conversando, olhando e gesticulando, brincando de esconder e achar ou apresentando brinquedos e objetos do cotidiano ao bebê. (Giglioli, 2021, p. 16).

A exploração de bebês vem dos momentos de brincadeira que eles têm, seja sozinho, com o adulto referência ou com outros bebês, que é o que acontece quando o mesmo frequenta uma instituição de ensino.

O brincar promove interações entre as crianças e destas com os adultos e entre as crianças e os objetos e brinquedos. Este fato coloca o brincar em uma posição privilegiada, pois sabemos da importância das interações desde os primeiros dias de vida para o desenvolvimento físico e psíquico do bebê. (Giglioli, 2021, p. 16)

E é na primeira infância que isso ocorre, o cuidado minucioso que devemos ter na educação infantil com todos os estímulos em volta dos bebês deve ser redobrado, em vista que no brincar ocorrem explorações dos 5 sentidos que Majem e Ódena (2010) trazem no livro “Descobrir brincando”. São eles: Visão (as cores dos objetos, dos materiais, do ambiente), Paladar (os cuidados do professor em escolher objetos seguros para deixar à disposição das crianças e que objetos menores sejam explorados em conjunto com o professor), Audição (que ele possa escutar diferentes sons que os objetos em conjunto façam e assim possa produzir uma sequência de sons), Olfato (que ele sinta o cheiro dos materiais, dos locais que estejam em investigação, cheiro da grama, da terra molhada e de outras práticas docentes que a educadora possa propor) e, não menos importante, talvez até o principal, o Tato (ele toca no material e explora todas as sensações em seu corpo, ele toca, esfrega, sente com as mãos, pés, sente a textura no seu corpo e tem uma nova descoberta importante e necessária na sua vida). Os sentidos explorados vão ao encontro do que Giglioni destaca: “Dentre as inúmeras linguagens, o brincar é a maneira que o bebê encontra para agir e conhecer o mundo.” (Giglioli, 2021, p. 16)

Nesta perspectiva, as escolas de educação infantil, como espaços de educação coletiva, são responsáveis por garantir o direito de brincar com qualidade para todas as crianças.

3.3.1 Materialidades em contexto de creche

Quando pensamos em materialidades no contexto da creche, podemos imaginar inúmeras peças e acessórios, principalmente coloridos e grandes, ocupando enormes espaços nas salas de referência. Porém, alguns estudos já apostam em elementos mais neutros nesses espaços e também nos objetos. Goldschmied e Jackson (2006) exemplificam com a utilização de tapeçarias de diversos lugares do mundo nas salas, podemos trazer a exploração desses objetos já que existem múltiplas formas de tapetes, versões mais macias, felpudos, com cores neutras, com estampas, como possibilidades para proporcionar momentos de descobertas dessas sensações nos corpos dos bebês.

A contribuição da pediatra húngara Emmi Pikler sobre o desenvolvimento dos bebês têm sido fundamental nas análises sobre as interações, modos de cuidar e vínculos estabelecidos. Pikler sustenta que os “Brinquedos precisam oferecer

experiências adequadas para os bebês” (Falk, 2004, p. 13), então podemos pensar que materiais puramente deslocados e somente colocados sem uma intenção para a criança, poderiam ser mais bem aproveitados, além disso, a mesma autora tem como posicionamento que os adultos não devem interferir diretamente nas brincadeiras que os bebês fazem (Falk, 2004).

Goldschmied e Jackson (2006) já trouxeram que “Quanto melhor for a qualidade das oportunidades para brincar oferecidas às crianças, mais prazerosas serão as experiências, tanto para elas quanto para os adultos” (Goldschmied e Jackson, 2006, p.25), oportunizando, assim, um tempo de maior qualidade e melhor aproveitado nas escolas de educação infantil.

Pikler tem como posicionamento que os adultos não devem interferir diretamente nas brincadeiras que os bebês fazem (Falk, 2004).

A proposta a partir do Cesto dos Tesouros e as descobertas dos bebês são apresentadas no contexto brasileiro no livro “Educação de 0 a 3 anos: atendimento em creche” escrito por Sonia Jackson e Elinor Goldschmied (2006). Tal proposta mencionada no livro é destinada para bebês entre 6 a 12 meses que ainda não aprenderam a andar. Para ocorrer este jogo, o professor organiza o espaço para que o bebê desfrute do cesto dos tesouros e escolhe um certo tamanho de cesta para colocar os objetos selecionados, todo material selecionado tem uma intencionalidade nesta propostas, diferentes formas e materiais, e com no mínimo 60 objetos. (Majem e Òdena, 2010)

Segundo Majem e Òdena (2010), alguns materiais que podem ser propostos são objetos naturais e que já possuem nas residências como sementes grandes, objetos de matérias naturais como pentes de madeiras, objetos de madeiras de diversas formas diferentes, objetos metálicos como colheres, objetos de couro tecido, borracha, feltro, objetos de papel e papelão e objetos de vidro. Majem e Òdena (2010) mostram no livro listas de materiais que podem ser utilizados para despertar os 5 sentidos dos bebês, sendo esse um dos objetivos centrais da proposta.

Para a melhor exploração do Cesto dos Tesouros, em que os bebês consigam aproveitar a sessão, Majem e Òdena (2010) recomendam que a cada três crianças, um cesto dos tesouros completo deve ser disponibilizado para um bom

aproveitamento dos bebês individualmente, exercitando os 5 sentidos e suas escolhas.

Existe ainda o cuidado que a equipe da escola necessita ter com estes objetos, sendo 60 unidades a quantidade mínima. Portanto, é necessária uma organização e cuidados com os itens, evitando perdas, aumentando a durabilidade e atentando-se para a higienização, como explicam Majem e Òdena (2010). As autoras observam a importância de como o(a) professor(a) vai estar posicionado durante a sessão, de forma que não interfira naquele momento de descoberta e contato das crianças com os materiais, mas que esteja ali passando segurança para estas crianças.

O Brincar Heurístico também é apresentado no livro “Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche” escrito por Sonia Jackson e Elinor Goldschmied (2006) destacando que o jogo heurístico, para crianças que já se deslocam e possuem entre 12 a 24 meses, chegando até os três anos de idade durante o ano que as sessões vão ser realizadas. Esta proposta de interação com os objetos é diferente da proposta dos Cestos dos Tesouros, são materiais diferentes. O jogo heurístico abrange crianças em pequenos grupos fazendo uma exploração de objetos pré-selecionados pela docente para a sessão funcionar de forma mais dinâmica, e que as crianças possam aproveitar da melhor forma, Òdena (2010) recomenda no máximo dez crianças por sessão.

Òdena (2010) lista aspectos importantes para a sessão funcionar como espaço apropriado e calmo, com as crianças tranquilas, e pelo menos um professor totalmente disponível para a imersão das crianças, mas dois seriam ideais. Durante a proposta, o professor se mantém afastado observando as crianças durante a exploração. Os materiais utilizados são objetos que não tem a finalidade de serem brinquedos e sim do cotidiano das crianças, assim como no cesto dos tesouros, Òdena (2010) trouxe uma lista de objetos que os docentes podem utilizar nas sessões do brincar heurístico, como esponjas, pedaços de tecido, chaves, chaveiros, intercalando entre objetos da natureza, objetos comprados, objetos confeccionados, e de diversas procedências (Òdena, 2010 p. 41).

Estes objetos são cuidadosamente organizados na sala de referência ou outros espaços que possam ser adequados para melhor imersão das crianças, só devem ser os mais neutros possíveis, O tempo de duração é relativo, mas deve

durar pelo menos 45 minutos segundo Òdena (2010), porém, quem decide isso são as crianças que vão conduzindo essa exploração e que estão dispostas a essa entrega ao jogo heurístico, Outro aspecto importante é que são necessários objetos diferentes, para as crianças conseguirem fazer as mais diversas combinações. Os recipientes também são fundamentais, pelas combinações que ali podem ser realizadas em conjunto dos outros materiais.

A Sessão possui dois momentos diferentes de acordo com Òdena (2010) que são o primeiro momento de exploração das crianças, interação com os objetos e materiais e no segundo momento, elas mesmas guardam os objetos nas sacolas de tecidos disponíveis exclusivamente da sessão do brincar heurístico, Òdena (2010) vai detalhar que até as sacolas necessitam de organização, não se deve misturar diferentes objetos, e não devem ser material de brincadeira para as crianças.

Òdena (2010) ainda frisa a importância das sessões terem continuidade, o brincar heurístico não é uma proposta para ser realizada uma única vez pelas crianças e depois nunca mais, as sessões precisam ter continuidade ao longo do período escolar e serem frequentes durante este ciclo que as crianças passam com as professoras ao longo do ano.

Fochi nos diz que “A função da criança é viver a experiência (seja uma brincadeira, seja outra situação qualquer); a do adulto, é criar condições para a experiência.” (Fochi, 2015, p. 141). Assim, cabe a nós organizar o espaço e ambiente para um melhor aproveitamento da sessão.

Segundo Paulo Fochi:

Essa brincadeira, que potencializa a ação espontânea da criança, abre um espaço para exploração de objetos diferentes de brinquedos industrializados, assim como para a criação de combinações entre eles. Além disso, dadas as características de organização dessa brincadeira (espaço reservado, grupo pequeno de crianças, quantidade suficiente de materiais e receptáculos e sem intervenção direta adulta) (Fochi, 2015, p. 132).

Os autores estudados apresentam propostas de materialidades que envolvem múltiplas possibilidades de exploração, a partir das quais a criança fica livre para brincar como os materiais disponibilizados a ela, que são materiais diferentes de brinquedos industrializados, ampliando as opções de brincadeiras, imaginação e criação.

3.4 OS ESPAÇOS DOS BEBÊS NA CRECHE

Os espaços que os bebês ocupam tanto em suas casas quanto nas instituições educativas, na grande maioria das vezes, não são pensados para o seu desenvolvimento adequado. Diversas creches contam com espaços pequenos e com espaços externos ainda mais reduzidos, isso quando eles existem.

Porém, quando existem essas limitações de infraestrutura, a administração do espaço, junto aos educadores, pode estudar como suprir essas demandas, pois “Quaisquer que sejam as limitações de um prédio, sempre há algo que pode ser feito para torná-lo mais confortável e atrativo para os adultos e as crianças que nele passam longas horas do dia.” (Goldschmied e Jackson, 2006, p. 33)

É importante frisar que há uma crítica aos administradores de creches que decoram os ambientes desses espaços com tintas coloridas e personagens de desenhos animados. Ao contrário, é fundamental criar ambientes adequados para as crianças, segundo Goldschmied e Jackson (2006, p. 35) “Criar um ambiente visual satisfatório não é uma tarefa que se faz uma só vez para sempre, mas algo que precisa acontecer de forma contínua”.

Os espaços que ajudam mais os professores são locais que possam ter objetos deslocados (Goldschmied e Jackson, 2006), afinal, movimentações podem ocorrer com mais facilidade e as docentes podem trazer propostas de investigações em que as crianças se desloquem e ocupem de diferentes formas a sala de referência, explorando as potencialidades do ambiente quase que por completo.

Emmi Pikler não acreditava que os bebês tivessem necessidade da intervenção direta de um adulto em suas atividades, prezando sempre por sua autonomia, porém com espaços adequados à sua faixa etária (Falk, 2004, p. 13). Em suas experiências no Instituto Lóczy, Pikler tinha salas com diferentes ambientes para quando as crianças estavam dormindo e quando estavam acordadas, quando acordadas ocupavam salas que possuíam objetos expostos para brincarem (Falk, 2004, p. 20).

As escolas utilizam muitas estratégias de decorações nos berçários e salas de referência, geralmente deixando os espaços com vários estímulos diferentes, e

raramente com cores mais neutras, como branco, bege, cinza e essas cores podem auxiliar os bebês e as crianças a manterem a concentração em objetos presentes no espaço.

A função da escola de educação infantil é refletir sobre a oferta de espaços propositivos e que ampliem as possibilidades de interação das crianças. Os espaços externos são fundamentais quando olhamos os ambientes na EI, como por exemplo, o pátio das instituições, o solário (espaço próprio para as crianças tomarem sol), com natureza, árvores, grama, terra, areias e flores. Esses são ambientes ricos em possibilidades para o desenvolvimento dos bebês e das crianças bem pequenas.

Os bebês têm a oportunidade de realizar diversas explorações em ambientes externos e se envolver em brincadeiras livres, utilizando materiais disponíveis, como grama, terra, troncos, folhas e até mesmo água, os quais podem desempenhar um papel pedagógico no contexto do brincar. É crucial destacar que o espaço escolar deve ser cuidadosamente planejado.

Vale ressaltar que alguns dos materiais disponíveis para as investigações das crianças podem não estar acessíveis fora da escola, devido às rotinas familiares, à localização de suas residências e a outros espaços que podem não ser facilmente acessíveis diariamente. Pikler traz que mesmo no inverno as crianças devem ir para as instalações externas da escola assim como no verão (Falk, 2004). Estas investigações podem ocorrer individualmente, com outros bebês ou até mesmo com outras crianças da educação infantil e com as professoras, que têm o trabalho de realizar uma observação atenta e cuidadosa nestes momentos.

É benéfico incorporar nos espaços externos elementos que potencializam as explorações dos bebês, como caixas de areia e materiais para manipulação. No entanto, a presença de caixas de areia implica na ativa participação do professor, uma vez que o cuidado e a manutenção desse recurso dependerão significativamente da rotina das educadoras.

Goldschmied e Jackson (2006) trazem sugestões de como organizar um espaço externo com jardins e de como “Oferecer alguns materiais que podem ser levados para a área interna da creche, tais como flores, folhas, sementes, frutas, “mini-animais”.” (Goldschmied e Jackson, 2006, p. 208). Para que, dessa forma, haja uma conexão entre espaço interno e externo, mobilizando essas trocas de espaço.

Outra intervenção benéfica, segundo Goldschmied e Jackson (2006), é a aproximação das famílias e cuidadores nesses ambientes, como a exploração conjunta como por exemplo, através de um piquenique.

Existem muitas formas de tornar um espaço externo interessante para as crianças, como a partir das brincadeiras com água, piscinas, mangueira, bacias, tintas e, a longo prazo, com plantas, arbustos, e até mesmo pequenas árvores, no caso das crianças um pouco maiores. Uma possibilidade interessante seria conversar com as crianças sobre o que elas gostariam de ver naqueles espaços externos. Segundo Peralta (2018, p. 82), “O espaço educa e, portanto, deve ser planejado juntamente com as crianças”.

No caso dos bebês, podemos observar o que mais tem chamado a atenção deles e tentar incorporar naquele espaço, como objetos, materialidades e etc, destacando que quando dizemos externos, não necessariamente necessita de grama, podem ser espaços abertos com pisos, tapetes, areais, terra, ou seja, múltiplos materiais.

Sendo assim, é possível inferir que os espaços externos na escola de educação infantil são fundamentais para a ampliação das experiências sensoriais em que os diferentes elementos da natureza oportunizam. Nesta perspectiva, os professores podem auxiliar a potencializar as propostas nestes espaços. O planejamento possibilita apresentar um lugar bem elaborado pela docente e potencializar a experiência e a vontade das crianças que querem utilizar aquele espaço, cabe às educadoras também confiar no brincar dos bebês e das crianças, e criar situações que ambos possam explorar.

4 NARRATIVAS PEDAGÓGICAS SOBRE O BRINCAR DE BEBÊS NA CRECHE A PARTIR DE POSTAGENS NO *INSTAGRAM*

Agora, nesta última seção deste estudo desenvolvido ao longo de dois semestres (TC 1 E TC 2), apresento as imagens cuidadosamente selecionadas, buscando explicitar narrativas pedagógicas sobre o brincar dos bebês e das crianças pequenas na creche, conforme são apresentadas para aqueles que acompanham as redes sociais destas escolas. Diversas outras questões podem ser problematizadas, tais como: quem visualiza estas fotografias postadas ali no *Instagram*? Os pais e familiares das crianças? Professoras de outras turmas? Professoras de outros estados do Brasil? Gestores de escolas? Estudantes de Pedagogia? Quais são as possíveis repercussões de uma fotografia postada em uma rede social que possui milhares de usuários⁵? Com quem esta imagem dialoga?

É importante deixar explícito que muitas das postagens que observei nesta imersão que realizei se utilizava do método de carrossel de imagens⁶. Optei por escolher uma única imagem das postagens em carrossel para análise ou utilizar de montagens de imagens para uma melhor otimização, a fim de evitar repetições de imagens semelhantes.

Revisitando o que foi anteriormente exposto, a seleção das imagens das escolas representou um desafio significativo para uma pesquisadora iniciante, dado o volume de cerca de 500 fotografias. No entanto, foi por meio das análises e da constância de determinadas imagens que consegui organizar o material em duas categorias analíticas distintas: o brincar nos espaços externos e o brincar nos espaços internos.

4.1 O BRINCAR NOS ESPAÇOS EXTERNOS

⁵ Segundo matéria publicada no jornal O globo em 2022, o *Instagram* ultrapassou 2 bilhões de usuários ativos

<https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2022/10/numero-de-usuarios-do-instagram-ultra-passa-2-bilhoes-e-se-aproxima-do-facebook.ghtml>

⁶ O Instagram permite que se publique até 10 imagens simultaneamente em uma única postagem, por isso a nomenclatura popular é carrossel de imagens.

Após um extenso volume analítico para escolher as fotografias, optei por escolher 5 imagens únicas e 3 conjuntos de imagens que elaborei para expressar a narrativa sobre o brincar dos bebês nos espaços externos.

Conjunto de imagens 1 - Organização do ambiente e da proposta



Fonte: @emeijoãodebarro

Esta imagem retrata muito da organização do espaço e dos materiais para que as crianças cheguem e explorem aquele ambiente. Há latas distribuídas com galhos, diversos materiais como potes de alumínio, talheres distribuídos, paletes de madeiras e um pó que aparenta ser farinha de trigo, jarras e até um espaço que remete uma praia, com guarda sol, distribuídos em uma grande caixa de areia nesta área externa. A fotografia nos mostra um ambiente bem organizado e que esta organização revela uma intenção pedagógica e desperta a atenção das crianças,

observamos que existem materiais de madeira como galhos e colheres de pau, alumínio das latas e pegadores.

A fotografia abaixo, que foi postada durante o ano de 2022, observa-se uma criança usando uma máscara no ambiente externo, inserida no contexto de uma EI, possivelmente deveriam ter outras crianças fora do enquadramento da fotografia.

Nas duas imagens retiradas do carrossel, percebemos objetos da rotina das famílias que as crianças incorporam no seu dia a dia nas escolas no jogo simbólico, o faz de conta, que utiliza de objetos como um *fouet* e coador, colheres e bastante areia. A menina realiza a ação de misturar água e terra (ou areia) e a câmera captura este momento, com marcas da areia em seus pés das experiências vivenciadas naquele espaço.

Nestes registros, os objetos dispostos são expostos, organizados, pensados e planejados para a vivência das crianças no espaço externo. É possível supor a ação docente na escolha e disposição dos materiais, na diversidade e nas experiências possíveis, como misturas e transposições.

Conjunto de imagens 2 - Exploração de diferentes materiais no espaço externo



Fonte: @escolacotidiana

Figura 1- Brincando de comidinha



Fonte: @emeijãoodebarro

Ao registrar a brincadeira desses dois meninos com panelas, formas, colheres e materiais de alumínio, possivelmente destinados a simular comidinhas, observou-se a utilização do faz de conta. Essa atividade revelou interações tanto entre meninos quanto entre meninas, enfatizando a ausência de qualquer divisão de gênero no contexto da brincadeira.

Daniela Finco (2003), no artigo “Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil”, comenta sobre a importância da escola de educação infantil e das professoras em proporcionarem estes momentos de brincadeiras. Segundo a autora, “Deste modo, o profissional de educação infantil tem papel fundamental para que essas relações possam acontecer de forma livre, sem cobranças quanto a um papel sexual pré-determinado” (Finco, 2003, p. 95).

Finco ainda elabora mais sobre como essa potência pode ser trabalhada na escola pois:

Na medida em que meninas e meninos transgridem o que é pré-determinado para cada sexo, mostram que a instituição de educação infantil pode apresentar mais uma característica positiva quanto às formas dessas relações: o ambiente da educação infantil pode ser um espaço propício para o não-sexismo. É importante que o profissional que trabalha na educação de crianças pequenas tenha consciência deste potencial, para, desse modo, repensar sua prática educativa. (Finco, 2003, p. 96).

Quando a escola compartilha esse registro de dois meninos e uma menina participando do jogo simbólico de fazer comidas, destaca a possibilidade de vivenciar, por meio da brincadeira, a desconstrução da definição tradicional de papéis de gênero. Nesse contexto, os meninos estão envolvidos em atividades como cozinhar, evidenciando a ausência de distinção entre brincadeiras designadas para meninos ou meninas. A ênfase está no simples ato de brincar, que pode ocorrer de diversas formas e maneiras, sem restrições de gênero. Dessa forma, a escola precisa proporcionar esses momentos de forma inclusiva.

Em determinadas circunstâncias, algumas crianças podem ter limitadas oportunidades de socialização e exploração de diversas materialidades, especialmente fora do ambiente escolar. Em muitos casos, os momentos de brincadeira nas escolas de educação infantil, ao ocorrerem em espaços compartilhados com outras crianças, representam a única oportunidade para algumas delas interagirem com a natureza, envolvendo-se com elementos como terra, chuva e folhas, conforme evidenciado na publicação.

Figura 2 - Exploração na natureza



Fonte: @escolacotidiana

O conjunto de imagens revela a maleabilidade do espaço externo, podendo ser adaptado conforme as intenções das instituições em relação ao que desejam proporcionar às crianças frequentadoras. Na fotografia específica, nota-se a atenção dada à introdução de arborização no ambiente, evidenciando que as crianças exploram essa modificação ao interagirem com a árvore apresentada na imagem.

A fotografia deixa explícita a curiosidade das crianças em subir nessa árvore, sendo essa uma oportunidade muito especial para esse tipo de exploração na natureza. A escola proporciona aquele espaço para eles brincarem com a natureza, com o tronco das árvores e os galhos. Uma das crianças está descalça, imersa na vivência com o espaço externo, enquanto outros observam atentamente o ambiente e as potencialidades que os rodeiam.

As pesquisadoras Goldschmied e Jackson (2006) já escreviam há quase 20 anos que “As plantas são fonte de muitas experiências sensoriais – cores, aromas, texturas, sons. Suas folhas, flores, troncos, ramos, caules e frutas podem também

ser utilizados como materiais improvisados para o brincar” (Goldschmied e Jackson, 2006, p. 209).

Estas experiências sensoriais com as árvores e plantas se mostram muito importantes, já que sabemos que as cidades, cada vez mais urbanizadas, têm retirado o direito das crianças à natureza, fazendo ela perder o seu lugar.

Figura 3 - Brincando com brinquedos permanentes nos espaço externos



Fonte: @emeijoãodebarro

Neste contexto, destacamos mais uma alteração no espaço, indicando possíveis ações dos gestores para proporcionar experiências diversas às crianças durante suas brincadeiras. A utilização de um gira-gira contrasta significativamente com a experiência sensorial envolvendo frutas, farinhas e terras. Essas variações podem ser propostas nos espaços externos, abrangendo tanto materiais permanentes quanto ofertas esporádicas, conforme as diferentes propostas pedagógicas. O contexto coletivo para a educação infantil é muito importante, oportunizando aprendizagens individuais e conjuntas.

Observamos como as interações dos bebês e crianças pequenas aparecem nos ambientes coletivos, muitas vezes com crianças da mesma faixa etária, ou com crianças maiores, e o espaço pode colaborar nestas interações coletivas. Segundo Ribeiro (2022, p. 21) “É importante destacar a importância de um ambiente favorável

para o acolhimento dessas manifestações no contexto coletivo da educação infantil, que aponta a valorização da linguagem corporal no contexto da creche”.

Conjunto de imagens 3 - Explorando artes nos espaços externos



Fonte: @emeijoãodebarro

O brincar das crianças pode ser tão diversificado de possibilidades de espaços, mesmo que externos, e com objetos diversos que podem ser usados ou não usados. Nestes registros selecionados as crianças estão brincando com tintas e papel, realizando pinturas com diferentes elementos.

Jacalyn Post e Mary Hohmann, no livro “Educação de Bebés em Infantários”, de 2003, já recomendam que as crianças tenham um espaço de artes para essa exploração na creche.

Figura 4 - Brincando com a chuva



Fonte: @escolacotidiana

Nesta fotografia, evidencia-se uma brincadeira que, geralmente, ocorre em dias chuvosos. Embora as crianças prefiram brincar em espaços abertos nos dias ensolarados ou parcialmente nublados, a questão levantada é: por que não aproveitar também os dias de chuva para brincar em poças d'água? Além de um ambiente arborizado, como mencionado em fotos anteriores, é notável a ausência de outros elementos no cenário, destacando-se apenas a atmosfera proporcionada pela chuva, água e terra molhada. O enquadramento da foto reforça essa observação central.

É um contexto de três crianças se divertindo naquele espaço livre, e um dia que possivelmente não estava tão quente, mas que puderam se divertir com água, pisando e tocando, sem medo de sujar suas roupas ou ficarem com as mãos sujas.

Goldschmied e Jackson (2006) alertam sobre a importância e o conforto das crianças e dos educadores nestes momentos de brincadeiras com chuva. Segundo as teóricas:

Saídas curtas ao jardim, com um pequeno grupo de crianças, durante ou logo após a chuva, podem ser imensamente prazerosas, e oferecer muitas oportunidades para observação e conversação. O mais importante, no entanto, é que o grupo deve ser pequeno. Secar quatro pares de botas e

jaquetas é muito diferente de ter que lidar com 20. (Goldschmied e Jackson, 2006, p. 216).

Se as crianças estiverem dispostas a vivenciarem estes momentos de brincadeira na chuva, com água, lama etc, por que não usar para propor experiências coletivas diferentes?

Dialogando com as autoras, a imagem representa este enfoque de pequenos grupos, já que mostra somente três crianças brincando nas poças de água, um cuidado importante, já pensando nas trocas de vestimentas que talvez necessitem ser feitas após este momento de exploração de um espaço externo.

Figura 5 - Mão na massa



Fonte: @escolacotidiana

A imagem acima destaca as explorações realizadas em grupo, com todos os participantes envolvidos de maneira ativa, manipulando o que parece ser argila. Nota-se que três das crianças na foto são mais velhas, enquanto uma aparenta ser mais nova e está interagindo com o grupo. Não podemos determinar se a criança menor se aproximou do grupo ou se foram as maiores que a convidaram para brincar. Entretanto, a fotografia evidencia a constituição do grupo e a expressão de uma interação significativa, sendo notável que o bebê não demonstra sentir-se intimidado pelas crianças mais velhas.

Podemos concluir que os espaços externos das escolas de educação infantil são elementos fundamentais para as crianças, pois são um lugar onde eles podem interagir com outras crianças, com outras turmas de diferentes faixas etárias, além da diversidade de elementos da natureza que se tornam instrumentos para as brincadeiras, como a terra, pedras, e a própria chuva.

Sabemos que não são todas as escolas que podem oferecer esta diversidade elementos da natureza, algumas podem ter os espaços disponíveis mas não exploram com as crianças, um espaço que se mostrou muito importante nesta pesquisa. Um espaço externo adequado às crianças demanda um preparo prévio dos gestores das escolas e docentes, usando uma analogia, uma árvore não cresce do dia para noite naquele espaço, então se faz necessário um planejamento a longo prazo.

4.2 O BRINCAR DE BEBÊS EM ESPAÇOS INTERNOS

Neste momento do trabalho, é apresentada a segunda categoria analítica que é o brincar nos espaços internos das instituições de educação infantil. Foram selecionadas 4 Fotos e 6 Conjuntos de imagens que a autora da pesquisa elaborou.

O espaço interno das instituições representa o local onde as crianças, em geral, passam a maior parte de sua jornada escolar. Este ambiente engloba as salas de referência, outras salas disponíveis, como biblioteca e ateliê (dependendo das possibilidades da escola), a cozinha, espaços de circulação, bem como o banheiro e o fraldário.

O brincar no espaço interno pode ser muito bem explorado, dependendo da organização que irá ser proposta para os bebês e crianças que estão ali no ambiente, conforme a disposição dos materiais e da intencionalidade reforçada pelos convites que são feitos às crianças.

Conjunto de imagens 4 - Cesto dos Tesouros



Fonte: @emeijoãodebarro

Conjunto de imagens 5 - Cesto dos tesouros parte II



Fonte: Foto 1:@escolacotidiana e Foto 2:@emeijoãodebarro

Nestas quatro imagens que agrupei, mas que foram postadas separadamente, apresentam-se os Cestos dos Tesouros. Conforme as autoras Goldschmied e Jackson(2006) e Majem (2010) esta proposta possui características importantes pela diversidade de materiais, possibilitando uma experiência rica para os bebês, a partir de suas escolhas pela variedade de objetos disponíveis.

Na primeira fotografia, é possível perceber como o material está chamando atenção da criança e ela está concentrada na pinha que escolheu segurar. É

compreensível inferir que esse foi o seu objeto de escolha devido a disposição de mais itens em seu entorno e de fácil acesso.

No segundo registro, o menino parece procurar algo muito específico naquele cesto, ele está concentrado, utilizando os sentidos para escolher qual objeto ele irá dar atenção.

A terceira foto é a que nos transmite mais informações, mostra uma cesta cheia de objetos, porém desfocados, não conseguimos visualizar com clareza todos os elementos, mas a cesta cheia é um estímulo de múltipla escolha positivo e convidativo para que o bebê, que se depara frente à mais do que uma possibilidade. A quarta e última foto retrata uma exploração em uma bacia de alumínio que é proposta junto de diversas pinhas e uma espumadeira, para melhor manipulação do material.

Podemos reparar que ao fundo destas quatro fotografias que as câmeras captaram o ambiente está mais neutro, as cores do fundo são claras e não existem outros objetos coloridos. Observando as fotos das duas escolas, destaca-se que não existe a tendência de objetos e paredes excessivamente coloridas nestes espaços analisados.

É uma evidência um tanto quanto positiva, pois as publicações podem atingir muitas pessoas que trabalham em escolas e ajudar a incentivar ambientes mais neutros. Goldschmied e Jackson (2006) já sinalizavam que é necessário cuidado com os excessos de cores nos espaços que as crianças passam maior parte do seu tempo.

Podemos perceber ainda que em nenhuma das imagens aparecem adultos, os mesmos só capturam as fotos, mantendo um protagonismo dos bebês. Ribeiro cita que “É preciso ter certo distanciamento, no sentido de deixar os bebês livres para criarem e utilizarem esse espaço, mas estar disponível sempre que precisarem de apoio para desenvolverem alguma hipótese.” (Ribeiro, 2022, p. 22).

É um momento de concentração dos bebês e uma entrega completa que ele está realizando neste momento. Souza e Lima reforçam no artigo essas ações dos bebês sem interferência das professoras:

A professora de bebês pode potencializar o ambiente com materiais, objetos e momentos de interações, envolvendo os sujeitos e aquilo que está em volta. Porém, nem sempre direcionando, nem sempre interferindo nas atividades lúdicas, mas sim com uma intencionalidade criativa que

respeite e dê abertura para novas escolhas e possibilidades” (Sousa e Lima, 2021, p. 79).

Figura 6 - Cestos dos tesouros parte III



Fonte: @emeijoãodebarro

Nesta publicação, observa-se uma narrativa de interesse do bebê em tocar e sentir objetos decorrentes de elementos da natureza, de diferentes formas, texturas e aspectos. O rosto do bebê expressa seu desejo, sua curiosidade de compreender os objetos. É importante reparar no esforço empenhado ao buscar apoio no cesto para a exploração dos itens de seu interesse.

Figura 7 - Detalhes e o Cesto dos tesouros



Fonte: @emeijoãodebarro

Esta imagem apresenta um enquadramento que foca no detalhe de uma pequena mão em interação com os objetos propostos para o Cesto dos tesouros.

Sendo assim, o quão vasta são as possibilidades que levam a criança ao ato proposto de brincar? Os objetos do cotidiano de suas casas tornam-se ricas opções, como o pegador de massas com pontas que ela possivelmente não pode se desafiar a pegar em outros momentos de sua existência, no âmbito do contexto familiar.

Destaco o quanto é interessante ver registros e publicações de bebês brincando com objetos que não precisam custar milhares de reais e, ainda assim, divertem-os e causam alegria, com uma inspiração significativa no contexto do aproveitamento do brincar.

No contexto em que as quatro fotografias estão agrupadas, percebemos uma proposta organizada no espaço interno da escola. Foi realizada uma preparação prévia, com a sala protegida para a experimentação com tintas, permitindo que as crianças brinquem e se sujeem coletivamente. A narrativa da publicação é interessante, pois todas as crianças estão vestidas com roupas já coloridas pela tinta, explorando diversas cores e misturas. O foco está nas "marcas" dessa experiência, valorizando a expressão criativa, em contraste com a visão de sujeira que algumas pessoas poderiam repreender.

Conjunto de imagens 6 - Exploração com tintas no espaço interno



Fonte: @emeijoãodebarro

Conjunto de imagens 7 - Bebês e os objetos no espaço



Fonte: @emeijoãodebarro

Neste conjunto de imagens dos espaços interiores, o foco recai sobre três diferentes manifestações do brincar. Na primeira imagem, observamos crianças pequenas envolvidas em brincadeiras coletivas. Já na segunda, uma criança brinca de maneira confortável com sua boneca, destacando que não é necessário um berço específico, mas sim um espaço aconchegante com tapete e travesseiro para relaxar. Além disso, a criança escolhe utilizar a boneca para expressar carinho, explorar, se aproximar e dar início a um jogo simbólico, conforme abordado por Lev Vygotsky em "A Formação Social da Mente".

A segunda esfera de atividades que une os gestos e a linguagem escrita é a dos jogos das crianças. Para elas, alguns objetos podem, de pronto, denotar outros, substituindo-os e tornando-se seus signos; não é importante o grau de similaridade entre a coisa com que se brinca e o objeto denotado. (Vygotsky, 1991, p. 72).

Na última foto, surge um brinquedo mais comum: uma bola colorida com a qual o bebê brinca. Apesar de eu ter abordado extensivamente o brincar heurístico, cestos dos tesouros e materiais não estruturados, escolho incluir esta imagem para destacar que brinquedos simples e coloridos fazem parte das propostas das escolas, permitindo o brincar na creche. No entanto, é importante ressaltar que existem diversas formas e materiais que também podem ser utilizados com os pequenos.

No conjunto de fotos abaixo, duas meninas, uma mais nova e outra aparentemente mais velha brincam de bonecas, com todo um cuidado. Geralmente quase toda criança tem ou já teve qualquer tipo de boneca, existem as pequenas, as de tamanho mediano e as grandes, o que não podemos negar que é um dos brinquedos mais antigos que existem no mundo. Logo, trouxe imagens que mostram esta narrativa do jogo simbólico, que começa desde muito cedo.

Brincadeiras de bonecas podem ser realizadas entre a criança e os objetos, entre um coletivo de crianças e bonecas, entre as crianças e diversas bonecas que no jogo simbólico podem simbolizar seus filhos, irmãos, a depender do contexto imaginativo ditado pelo brincar das crianças.

É interessante reparar a respeito do cuidado que a criança possui em “tapar” a boneca, remetendo o zelo para evitar o frio.

Como Vygotsky (1991) já falava dos simbolismos, nessas narrativas elas se mostram muito presentes nas brincadeiras de faz de conta que ocorrem nas imagens, ambas crianças brincando e cuidando das bonecas, possivelmente experimentando o papel de mães e filhos. É dito possivelmente, já que não é possível afirmar com absoluta certeza, se trata de uma inferência analítica que o contexto sugere.

Conjunto de imagens 8 - Brincando de faz de conta



Fonte: @escolacotidiana

Figura 8 - Brincando de faz de conta II



Fonte: @escolacotidiana

Figura 9 - Brincando com Argila no espaço interno



Fonte: @escolacotidiana

Esta imagem expressa algo muito interessante relacionado ao brincar com materiais como argila dentro dos espaços internos. É válido reparar que a criança brinca com um pedaço grande de argila, que suas roupas estão sujas, que a escola não oferta este material somente nos espaços externos, mas também nos espaços internos, com cuidado na manutenção do lugar. Utilizando protetores, transformam o local em um espaço propício para brincadeiras envolvendo materiais líquidos, densos e não estruturados em diversas formas. A expressão séria do menino nos indica que a brincadeira demanda concentração e seriedade.

Figura 10 - Bebê com livros



Fonte: @escolacotidiana

Na última foto da presente análise, o bebê é retratado como leitor. Atentando a capacidade que os mesmos têm de explorar, se divertir, brincar com livros, desde que esses materiais estejam em locais acessíveis, ou que sejam oferecidos a eles.

Livros infantis possuem imagens, ilustrações, letras e isso tudo tem potência para uma exploração. Segundo María Emilia López, “O livro é, a princípio, um brinquedo, mas esse brinquedo traz histórias, cenas, dramaturgias, lança narrativas” (López, 2016, p. 34).

Por que não apresentar estes elementos para os bebês desde cedo? Por que não introduzir uma leitura para os bebês já que eles possuem sensibilidades visuais, sensoriais e auditivas importantes? Inclusive, existem livros sensoriais que podem auxiliar na condução e facilitação dessa experiência para bebês.

É viável explorar eficientemente os espaços internos para propor diferentes propostas relacionadas ao brincar, incluindo interações com bonecas, bolas e práticas de brincar heurístico. Adicionalmente, esses ambientes oferecem oportunidades para explorações artísticas, como esculpir argila, além ser um espaço que pode ajudar os bebês a terem contato com livros desde cedo. É possível notar que o espaço interno é potencialmente rico e foi explorado de múltiplas formas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo que realizei durante 2 semestres no curso de Licenciatura em Pedagogia, pude me aproximar mais da área da educação infantil, que até pouco tempo era algo muito distante dos outros estudos que realizei no curso.

Conforme o estudo dos referenciais que fui me aproximando na revisão teórica, é possível concluir que houve avanços nos estudos sobre os bebês e crianças bem pequenas nos últimos anos, porém, ainda são poucos se comparados com outras áreas da educação, ainda mais se tratando especificamente sobre os bebês.

Por conta desta invisibilidade dos bebês, neste trabalho, retomo os aspectos legais da Educação Infantil, desde a Constituição de 1988 até às Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil de 2009. Foi realizada uma linha do tempo até chegar no que podemos chamar de um dos documentos mais importantes para a orientação dos trabalhos pedagógicos de crianças de 0 a 3 anos: as DCNEI (2009).

Ainda que avanços tenham ocorrido em termos de legislação e pesquisas, podemos concluir que são muitos os pontos que seguem carecendo de mudanças, tais como a ampliação da oferta de educação infantil na creche (0 a 3 anos), em especial para as crianças negras e pobres.

Nos dois perfis das escolas que serviram de base para analisar as narrativas pedagógicas expressas nas fotografias, percebemos que o brincar é valorizado e que existe um convite das pessoas que organizam os espaços para as crianças vivenciarem experiências nos espaços internos e externos, com materiais estruturados e não estruturados, muito diversificados.

Nesta perspectiva, há um investimento da gestão das escolas nos contextos do brincar, expressos tanto nos espaços internos quanto nos espaços externos, observados a partir da diversidade de materialidades das imagens, como os brinquedos do pátio, elementos da natureza, tintas, materiais do cotidiano, como panelas, colheres, bacias e até mesmo tapetes, que são os materiais que mais apareceram nas fotos. Enfim, as instituições estão atentas ao espaço como um eixo estruturante da proposta pedagógica.

Observamos também que as referidas escolas usam ambientes mais neutros nos espaços que as crianças ocupam, apresentados por Goldschmied e Jackson(2006), que destacam que facilita para propor convites de exploração para as crianças.

Outro aspecto relevante é que quando falamos dos registros fotográficos, nas publicações realizadas na rede social *Instagram*, observa-se o cuidado para a seleção das fotos e também para publicações chamarem a atenção positivamente das pessoas que seguem estas contas, estes *posts* trazem narrativas importantes, como afirma Fochi (2013): “[...] por ir compreendendo que as imagens também compõem uma forma de narrar, portanto, o enquadramento, os planos (detalhe, panorâmico), a iluminação e as sequências fotográficas influenciavam aquilo que eu pretendia contar” (Fochi, 2013, p. 76).

Existe uma curadoria por conta de quem registra as imagens e de quem seleciona as mesmas para publicação, são fotos que mostram uma concepção sobre os bebês e a ação pedagógica proposta aos pequenos, neste estudo exploramos o brincar dos bebês e das crianças pequenas, explicitando as diferentes possibilidades nos espaços externos e internos da escola.

Por fim, desejo que este estudo possa contribuir para visibilizar os bebês a partir de uma narrativa pedagógica sobre o brincar no *Instagram*, evidenciando suas ações potentes em torno de suas explorações em relação ao brincar com diferentes materialidades nos espaços internos e externos.

6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Paula Gomes de. **A prática do brincar na creche: uma análise crítica propositiva**. 2021. 98 f. Dissertação(Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais) - Universidade Nove de Julho, São Paulo. Disponível em <http://bibliotecatede.uninove.br/handle/tede/2819> Acesso em 05 ago 2023.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Práticas cotidianas na Educação Infantil: orientações curriculares**. Brasília: MEC, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf Acesso em 13 de nov de 2023

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FLORES, Maria Luiza Rodrigues. Base Nacional Comum Curricular: garantia ou ameaça à consolidação da identidade da educação infantil?. **Conjectura: filosofia e educação**. Caxias do Sul, RS. Vol. 25 (2020), p. 73-110, 2020. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/219717> acesso: 15 de jan 2024.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996

BRASIL, MEC. **Brinquedos e brincadeiras nas creches: manual de orientação pedagógica**. Brasília, MEC/SEB, 2012. Disponível em https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao_brinquedo_e_brincadeiras_completa.pdf Acesso 14 de nov de 2023.

BRASIL, MEC. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. 2017 Disponível em <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/> acesso 13 de nov 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **PARECER CNE/CEB Nº: 20/2009**. Brasília:MEC, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf Acesso 13 de nov 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

CAMPOS, Maria Machado Malta. Andarilho que era. In: ARTES, Amélia; UNBEHAUM, Sandra (org.). **Escritos de Fúlvia Rosemberg**. São Paulo: Cortez Editora, 2015. p. 1-296.

CHEPAK, Tamires Ferreira Rodrigues. **O BRINCAR HEURÍSTICO NA CRECHE**: um mundo de possibilidades e relações. 2020. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade Unina, Curitiba, 2020. Disponível em: <http://ri.unina.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/25>. Acesso em: 25 out. 2023.

DE SOUSA, Celita Maria Paes et al. O brincar de corpo inteiro: o bebê e a sutileza das interações. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 68, p. 70-81, 2021. Disponível em <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7029> acesso em 05 ago 2023

DRUMOND, Adriana Marques. **O PORTIFÓLIO COMO INSTRUMENTO DE REGISTRO E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2012. 71 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Docência na Educação Básica, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VRNS-9NELSW>. Acesso em: 30 jan. 2024.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**; Tradução: Suely Amaral Mello. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2004.

FINCO, Daniela F. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-posições**, v. 14, n. 3, p. 89-101, 2003. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643863> acesso em 02 de fev 2024.

FRAGA, Giulia Andione Rebouças. **VIVER E COMPARTILHAR**: fotografias de crianças no instagram. 2019. 211 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/29767/1/Tese.%20Giulia%20Fraga.%20Vers%c3%a3o%20Final.%2013Maio.pdf>. Acesso em: 27 set 2023.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?**. Penso Editora, 2015.

FOCHI, Paulo Sergio. **“MAS OS BEBÊS FAZEM O QUÊ NO BERÇÁRIO, HEIM?”**: mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado) , Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70616/000878275.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2024.

GARCIA, Andréa Costa; PINAZZA, Mônica Appezzato. CADÊ O NENÊ? ACHOU...-BRINCADEIRAS E APRENDIZAGENS NO CONTEXTO DA CRECHE. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 68, p. 10-25, 2021. Disponível em <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7025> Acesso em 05 de ago 2023

GERHARDT, Tatiana; Silveira, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2009.

GIGIOLI, Maria Elisa Nicolielo. **Brincando e interagindo na educação infantil: experiências de bebês no cotidiano de práticas educativas**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14805>. Acesso em 05 de ago 2023

GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A (dupla) invisibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas na educação infantil: tão perto, tão longe. **Humanidades & Inovação**, v. 4, n. 1, 2017.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LOPÉZ, Maria Emília. **Brincar, cantar, narrar: os bebês como autores. BRASIL. Ministério da Educação**, Secretaria de Educação Básica. Coleção leitura e escrita na educação infantil, v. 1, 2016.

MAJEM, Tere; ÒDNA, Pepa. **Descobrir brincando**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

MÁXIMO, Luciana Perpetuo; NONO, Maévi Anabel. AÇÕES DOS BEBÊS EM DIFERENTES FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS: RESULTADOS DE PESQUISA. **Pedagogia em Foco**, v. 14, n. 11, p. 43-61, 2019. Disponível em <https://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/439> Acesso 17 set. 2023

MEIRELES, Daiane Woiciechovski; IGNÁCIO, Patrícia. **Práticas investigativas com bebês: um lugar a ser (re)visitado**. *Dialogia*, São Paulo, n. 45, p. 1-19, e23825, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/45.2023.22884>. Acesso em 17 set. 2023

OLIVEIRA, Alessandra Giriboni de. **Brincadeira dos bebês em contexto de creche: a explicitação de uma pedagogia**. 2019. Dissertação (Mestrado em

Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.48.2019.tde-23052019-175104. Acesso em: 2023-06-12.

OLIVEIRA, Alessandra Giriboni; PINAZZA, Mônica Apezzato. Pedagogias sustentadoras das brincadeiras dos bebês em contexto de creche. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 15, p. 287-302, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1859> Acesso em: 20 out. 2023

PASSOS, Gabriely Duarte Pereira dos. **Práticas pedagógicas para os bebês de 0 a 3 anos na Educação infantil**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/8ec1fe62-c3df-44f4-aff6-82abf54f2cc1> Acesso em: 21 out. 2023

PERALTA, Caroline Portal. **ESPECIALIDADES E MATERIALIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo fotoetnográfico**. 2018. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/181837>. Acesso em: 20 out. 2023.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; FERREIRA, Cláudia Roberta; FERNANDES, Carla Helena Fernandes Helena. NARRATIVA PEDAGÓGICA E MEMORIAIS DE FORMAÇÃO: ESCRITA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO?. **Revista Teias**, [S. l.], v. 12, n. 26, p. 11 pgs., 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24216>. Acesso em: 2 fev. 2024.

POST, Jacalyn; HOHMANN, Mary. **Educação de bebês em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

RIBEIRO, Isabella de Moraes. **“Brinca que nem gente!”: o brincar e as interações na relação entre adultos e bebês na creche**. 2022. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/19507>. Acesso em: 25 set. 2023.

ROSEMBERG, Fúlvia. A Complexidade do multiculturalismo no Brasil: relações de gênero, família, e políticas de educação infantil. In: ARTES, Amélia; UNBEHAUM,

Sandra (org.). **Escritos de Fúlvia Rosemberg**. São Paulo: Cortez Editora, 2015. p. 1-296.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. Fotografias em discurso: as funções da escola em foco. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 1, dez. 2018. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/10930>>. Acesso em: 18 set. 2023. doi:<https://doi.org/10.17058/rea.v27i1.10930>.

SOUSA, E. T. de. **As interações dos bebês na creche: o que eles fazem e dizem?** 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Pós-Graduação em Educação, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/12289>

TREZZI, Clóvis; OLIVEIRA, Moyses Romero Borges; BERKENBROCK-ROSITO, Margarete May. Narrativas fotográficas: uma contribuição para a formação do professor. **Conhecimento & Diversidade**, v. 11, n. 24, p. 91-103, 2019.

VYGOTSKY, L. S. O desenvolvimento do simbolismo no brinquedo In: **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Orgs. M. Cole et al. Trad. J. Cipolla Neto. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, 2016.